

Trabalho de Conclusão de Curso

Experiência Museológica: A Heterotopia no *Museu do Lixo*

Manoela Nascimento Souza



**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Coordenadoria Especial de Museologia**

Manoela Nascimento Souza

Experiência Museológica: A Heterotopia no *Museu do Lixo*

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a María Eugenia Dominguez.

Florianópolis – Santa Catarina

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Manoela Nascimento
Experiência Museológica: A Heterotopia no Museu do Lixo
/ Manoela Nascimento Souza ; orientador, María Eugenia
Dominguez - Florianópolis, SC, 2016.
116 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Museologia.

Inclui referências

1. Museologia. 2. Experiência Museológica. 3.
Experiência Estética. 4. Heterotopia. 5. Museu do Lixo. I.
, María Eugenia Dominguez. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

MANOELA NASCIMENTO SOUZA

EXPERIÊNCIA MUSEOLÓGICA: A HETEROTOPIA NO *MUSEU DO LIXO*

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado a obtenção do título de Bacharel em Museologia aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 2016.

Prof.^a Mr.^a Luciana Silveira Cardoso

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina

Coordenadora do Curso de Museologia

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a María Eugenia Dominguez

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina

Orientadora

Prof. Dr. Rafael Victorino Devos

Professor da Universidade Federal de Santa Catarina

Antropólogo

Prof.^a Dr.^a Evelyn Schuler Zea

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina

Antropóloga

A Kate.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais pelo amor, pela energia e pelo incansável apoio.

A minha irmã por me mostrar o mundo e nos aventurarmos nele.

A Maria Elizabeth pelo amor e pelo carinho.

A Coisa Linda pela amizade e companheirismo.

Aos meus amigos que me acompanham na vida e aqueles que me acompanharam na graduação, pelo que vivemos e pelo que ainda está por vir.

A minha professora e orientadora que conheci no início da graduação e que agora tive a oportunidade de concluir esse ciclo com sua orientação.

Ao *Museu do Lixo* pela sua existência e pelas inspirações.

A toda a equipe do Departamento de Educação Ambiental/DVCOA que além da amizade que construímos esteve presente e atuante no desenvolvimento da pesquisa.

A Fundação Catarinense de Educação Especial e ao Centro Educacional Universo pela atenção e pelos desenhos.

Todos vocês fizeram e fazem parte da minha vida, assim como desse trabalho.
Muito Obrigada!

RESUMO

O trabalho tem como objetivo articular estudos filosóficos e experiências museológicas para compreender que tipo de experiência estética o *Museu do Lixo* proporciona. Os conceitos trabalhados por Michel Foucault na obra *As palavras e as coisas* (2007) e no ensaio *Outros espaços* (1984), serão centrais neste exercício. Foucault desenvolve o conceito de heterotopia designando lugares com múltiplas camadas de significação e de reflexão ou que tem relação a outros lugares. A princípio compreendemos que o conceito heterotopia se conecta com a experiência estética e museológica que o *Museu do Lixo* proporciona, porque essa experiência enquanto processo de variados momentos parte de um lugar com múltiplas camadas de significação e reflexão que nos levam a compreender o mundo na conexão entre a nossa íntima realidade e a realidade efetiva. O trabalho é acompanhado por um breve estudo de recepção da experiência *Museu do Lixo* com desenhos e textos de três turmas de visitantes.

Palavras-chave: Experiência Museológica, Experiência Estética, *Museu do Lixo*, Heterotopia.

ABSTRACT

The study aims to articulate philosophical studies and experiences museológicas to understand what kind of aesthetic experience the *Museum of Garbage* provides. The concepts worked out by Michel Foucault in *The Words and the Things* (2007) and in the essay *Other Spaces* (1984), will be central in this exercise. Foucault develops the concept of heterotopia assigning seats with multiple layers of meaning and reflection or that has a relationship to other places. The principle we understand that the term heterotopia connects with the aesthetic experience and the museological experience of the *Museum of Garbage* provides, because this experience as a process of various times part of a place with multiple layers of meaning and reflection that leads us to understand the world in connection between our intimate reality and the reality effectively.

Keywords: Museological Experience, Aesthetic Experience, *Museum of Garbage*, Heterotopy.

LISTA DE FIGURAS

Figura I – A Rota do Lixo.

Figura II – Sala de Lanche.

Figura III – Recicleta.

Figura IV – Circuito Ambiental.

Figura V – Balança.

Figura VI – Área de Reflorestamento.

Figura VII – Composteira.

Figura VIII – Mirante.

Figura IX – Área de Transbordo.

Figura X – Depósito de Vidro.

Figura XI – Depósito de Pneu e depósito de Óleo.

Figura XII – ACMR.

Figura XIII – Horta Pedagógica.

Figura XIV – Horta Pedagógica.

Figura XV – *Museu do Lixo*.

Figura XVI – Planta do Museu.

Figura XVII – Histórico do Museu.

Figura XVIII – ET e seu Cachorro.

Figura XIX – Abelha.

Figura XX – Do Lixo ao Luxo.

Figura XXI – Do Luxo ao Lixo.

Figura XXII – Sala de Tecnologia.

Figura XXIII – Baú Fechado.

Figura XXIV – Baú Aberto.

Figura XXV – Biblioteca.

Figura XXVI – Biblioteca.

Figura XXVII – Mãe Natureza Grávida de Lixo.

Figura XXVIII – Sala de Criação.

Figura XXIX – Sala de Música.

Figura XXX – Sala de Espetáculo.

Figura XXXI – Sala de Espetáculo e Mandala.

Figura XXXII – Cinco Desenhos da Fundação Catarinense de Educação Especial.

Figura XXXIII – Texto de uma das alunas do Centro Educacional Universo.

Figura XXXIV - Cinco Desenhos do Centro Educacional Universo.

LISTA DE SIGLAS

ACMR – Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis.

COMCAP – Companhia Melhoramentos da Capital.

CENET – Centro de Educação e Trabalho

DVCOA – Departamento de Educação Ambiental.

FCEE – Fundação Catarinense de Educação Especial.

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde.

SC – Santa Catarina.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo I – O Museu do Lixo como um espaço heterotopico	14
Capítulo II – Histórico do <i>Museu do Lixo</i>	20
Capítulo III – Experiências	22
I. Exposições	22
II. Experiências	48
Conclusão	59
Anexos	61
Referências	99

“então, meu amigo, é quando o meu olhar amortece, e o mundo em redor, e o céu infinito adormecem inteiramente na minha alma como a imagem da bem-amada; muitas vezes, então, um desejo ardente me arrebatava e digo a mim mesmo: “Oh! Se tu pudesses exprimir tudo isso! Se tu pudesses exalar, sequer, e fixar no papel tudo quanto palpita dentro de ti com tanto calor e plenitude, de modo que essa obra se tornasse o espelho de tua alma, como tua alma é o espelho de Deus!...”meu amigo!... Este arroubamento me faz desfalecer; sucumbo sob a força dessas visões magnificas.”

(J. W. Goethe – Werther)

INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho é compreender que tipo de experiência estética o *Museu do Lixo* proporciona. O termo experiência vem do latim *experiri*, que significa: provar, experimentar. Primeiramente, compreende-se experiência como relação ou encontro com algo que se experimenta. O sujeito, nesse sentido, é afetado por essa experiência e se mostra capaz de transformações e formações. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (BONDÍA, 2002, p.21)

O termo estético vem do grego *aesthetikós*, que significa: percepção, sentidos. A palavra estética é o feminino da palavra estético, que vem do grego *aésthesis*, e significa: sensação, sentimento. A disciplina acadêmica de estética foi fundada no século XVIII pelo filósofo alemão Alexandre Baumgarten (1714-1769). Nesse contexto, a estética analisa o complexo de sentimentos suscitados e significados gerados pela experiência estética.

Partindo dessa definição de estética inicial, nos encaminharemos para uma compreensão mais abrangente de experiência estética. Não fixando uma análise estética (sentimento de belo e sentimento de sublime), mas de filosofia da arte. Enquanto a estética se preocupa com o sentimento, a filosofia da arte se preocupa com o conhecimento do mundo pela própria arte. Desta forma, a experiência estética para nós, não significa estar diante de um objeto artístico, mas sim compreender o mundo e a nós mesmos através deste objeto. O observador nesse caso observa, e é observado por si mesmo, conversando com sua carga cultural, histórica e sensível. Ora, se a experiência estética fosse apenas um sentimento dentro do observador ela não traria consigo um conhecimento do mundo.

Compreendemos a experiência estética como um processo cuja compreensão vai para além da subjetividade do espectador. Quando se contempla uma obra de arte estamos diante de uma forma de aparecimento do próprio mundo e, portanto, de nós mesmos.

Nesse contexto, a experiência museológica também é uma experiência estética, porque o museu é entendido como um lugar que nos leva tanto para fora de nós (mundo) quanto para dentro de nós (mundo) simultaneamente. É importante que o processo de experiência museológica, não seja considerado como mais completo do que o processo de experiência estética, mas sim como diferente. A experiência museológica parece abranger uma gama maior de momentos porque apenas torna se deveras realizada fora do museu.

Compreender os momentos envolvidos nesse processo e como eles se desenvolvem na experiência estética e museológica - no *Museu do Lixo* -, fazem parte dos objetivos da presente pesquisa.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a experiência museológica através de alguns conceitos das ciências humanas. Os conceitos trabalhados por Michel Foucault, filósofo francês, na obra *As palavras e as coisas* e no ensaio *Outros espaços*, serão centrais neste exercício. Foucault desenvolve o conceito de heterotopia, segundo o próprio importa-nos compreender esse termo em seu sentido mais próximo a sua etimologia. Heterotopia vem do grego: *hetero*: diferente; *topia*: espaço; designando lugares reais, efetivamente localizáveis, que possuem múltiplas camadas de significação, reflexão e que podem ter relação com outros lugares.

A princípio compreendemos que o conceito heterotopia se conecta com a experiência estética e museológica que o *Museu do Lixo* proporciona, porque essa experiência enquanto processo de variados momentos parte de um lugar com múltiplas camadas de significação e reflexões que nos levam a compreender o mundo na conexão entre a nossa íntima realidade (mundo subjetivo) e a realidade efetiva (mundo objetivo).

O texto se desenvolverá em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos o conceito de heterotopia, o qual proporciona a compreensão da experiência estética e museológica que acontece no *Museu do Lixo*. Usaremos como fonte Foucault (1984 e 2007) para discorrer sobre a heterotopia; Bruno Brulon Soares (2008) para abordar a Nova Museologia como ciência humana que tem em seu estudo o próprio humano. No segundo capítulo relataremos um pouco sobre a história do *Museu do Lixo*, desde seu surgimento até os dias de hoje. Usaremos como referência as informações internas do Museu, conversas com o Departamento de Educação Ambiental – DVCOA, e pesquisas sobre trabalhos realizados no Museu e pelo Museu. A partir disso será necessário

melhor compreender os processos da experiência *Museu do Lixo*. O desenvolvimento desses processos da experiência estética e museológica encontram-se no capítulo três. Michel Foucault torna compreensível como a experiência estética acontece, a partir dos processos de deslocamento do sujeito pela experienciación com o espaço. Neste mesmo capítulo usaremos Marília Xavier Cury (2005) a qual compreende que a experiência museológica só se realiza de verdade quando o sujeito já deixou o museu. Destacando que estas experiências estética e museológica são lados de uma mesma moeda, separamos os termos para tornar de melhor compreensão os processos da experiência *Museu do Lixo*. Na descrição dessas experiências referimos também sobre a pesquisa de campo que foi realizada no Museu durante algumas semanas.

CAPÍTULO I

Experiência museológica e heterotopia no Museu do Lixo

No ensaio *Outros espaços* (1984) e no livro *As palavras e as coisas* (2007) Michel Foucault apresenta o termo heterotopia como um lugar real que tem *múltiplas camadas de significação e reflexão*. Com base nessa abordagem compreendemos também que a heterotopia pode ser entendida como a própria experiência estética e museológica e que pode ser entendida também no contexto do *Museu do Lixo*.

Para Foucault dentro de todas as sociedades há lugares, efetivamente localizáveis, que possuem oposições. Estes lugares existem sempre em meio a conflitos (causados por tais oposições), esses lugares são a definição de heterotopia. Penso no exemplo do barco dado por Foucault a fim de objetivar o próprio conceito. O barco é um lugar sem lugar, isso significa que ele é fechado em si e ao mesmo tempo jogado ao infinito mar, ou seja, o barco nas palavras de Foucault “é a heterotopia por excelência” (1984, p. 422). Nesse contexto, podemos pensar o Museu também como um lugar sem lugar. O Museu ao proporcionar a experiência museológica nos retira do próprio espaço efetivamente localizável nos conduzindo a outros lugares inclusive ao mundo próprio da nossa mente. Além do mais, assim como o barco foi outrora o que conduzia civilizações, levava e trazia tesouros e justamente por ser um “pedaço de espaço flutuante [...] a maior reserva da imaginação” (FOUCAULT, 1984, P. 421) hoje, 2016 no Brasil, momento em que o barco serve mais para entretenimento do que para qualquer outra coisa, estaríamos talvez com a maior reserva da imaginação localizada no próprio Museu.

Por isso, antes de passarmos para a análise do conceito de heterotopia no Museu devemos compreender que esses diferentes espaços demandam obviamente diferentes tipos de heterotopias. A heterotopia pode funcionar de diferentes formas na mesma sociedade e em sociedades diferentes, segundo Foucault, existem seis princípios sobre a heterotopia.

O primeiro princípio consiste na heterotopia de crise, essa heterotopia era encontrada nas sociedades primitivas onde se concentravam indivíduos em estado de

crise¹. Essas heterotopias de crise desapareceram e segundo o próprio autor podem ser substituídas pelas heterotopias de desvio. Podemos exemplificar as heterotopias de desvio com as casas psiquiátricas onde abrigam indivíduos que possuem comportamento indesejado à norma social. O segundo princípio da heterotopia questiona lugares que sempre existiram, mas que funcionam de maneira diferente em diferentes tempos, por exemplo, na história do cemitério². No terceiro princípio encontramos lugares que podem justapor outros espaços, outros posicionamentos e tais posicionamentos podem não ser compatíveis, assim como as representações nos jardins persas³.

O quarto princípio das heterotopias está ligado a *recortes do tempo* e também pode ser denominado heterocronia. Esse tipo de heterotopia se organiza de uma forma complexa. Vejamos, existem as heterotopias do tempo que são espaços formados para resguardar o tempo, melhor dizendo, para o acúmulo do tempo como acontece nos museus e nas bibliotecas. É interessante notar que nessa primeira argumentação o museu o qual Foucault teoriza é entendido apenas como um lugar onde os arquivos gerais da cultura ocidental do século XIX estão protegidos. Entretanto, uma segunda argumentação se direciona para as heterotopias que estão, ao contrário, ligadas à passagem do tempo na sua forma mais passageira, como por exemplo, uma feira ou uma festa. Essas festas enquanto heterotopias são grandes acontecimentos que podem retratar alguma sociedade ou alguma época e que não duram muito tempo. “São heterotopias não mais eternizadas, mas absolutamente crônicas.” (FOUCAULT, 1984, p. 419). Podemos compreender que entre esses dois sentidos de heterotopias encontramos o tempo como um grande *saber imediato*. Ao ter contato com esses museus ou com essas experiências festivas, abolimos nosso tempo ao mesmo tempo que entramos em contato com o tempo. Dito de outra forma a heteretoropia (*eternidade do tempo que se acumula*) e a heterocronia (*tempo no que ele tem de mais passageiro*) se unem no sentido que ambos operam uma paralisação e um reencontro com o tempo. “É toda a

¹ Como por exemplo, a viagem de núpcias que foi uma tradição do século XX. O casamento deveria ser concebido em *nenhum lugar*, portanto não aconteceria na casa dos noivos, mas sim em um hotel no trem. Um lugar sem “referências geográficas” (FOUCAULT, 1984, p. 416).

² Por volta do século XVIII o cemitério se localizava em meio à cidade, juntamente com as Igrejas, e havia uma hierarquia entre as sepulturas. Foi no século XIX quando todos tiveram direito há um lugar para sua sepultura e o cemitério passou a se localizar fora das cidades, pois não se acreditava mais na imortalidade da alma e a morte foi ligada a propagação da mesma.

³ O jardim tradicional e sagrado dos Persas representa as quatro partes do mundo e o meio entre esses quatro espaços é mais sagrado ainda. “O jardim é a menor parcela do mundo e é também a totalidade do mundo.” (FOUCAULT, 1984, P. 418).

história da humanidade que remonta a sua origem em uma espécie de grande saber imediato.” (FOUCAULT, 1984, p.419). É como se na experiência proporcionada pela heterotopia não mais aparecesse passado, presente e futuro, mas sim a própria representação total do tempo. Momento em que a história da humanidade se apresenta em grande saber imediato. Estamos mediante a uma experiência com o espaço que “é também o tempo que se encontra.” (FOUCAULT, 1984, p.419)⁴.

O quinto princípio sobre as heterotopias são a respeito de espaços que possuem um sistema de abertura e fechamento, ou seja, que se tornam penetráveis, mas ao mesmo tempo se isolam. Esses espaços servem para purificação física ou mental. O indivíduo pede permissão para entrar e só pode sair quando completar o ciclo, ou a purificação. Como por exemplo, as prisões. O sexto e último princípio refere-se à heterotopias de compensação e divide-se em dois: 6.1- podem criar um espaço ilusório e colocando em evidência que o espaço real é mais ilusório do que qualquer outro. Exemplo: Bordéus; 6.2- Também podem, pelo contrário, criar espaços reais que meticulosamente são tão bem organizados quanto o nosso espaço real não é. Exemplo: Colônias.

Com essa introdução geral a respeito de todos os princípios heterotópicos podemos focar no que realmente nos interessa. Interessa-nos o quarto princípio, onde as heterotopias estariam ligadas a recortes do tempo, Foucault coloca os museus e bibliotecas como espaços diferentes, onde o espectador quebra com seu tempo tradicional. Para o autor, o museu também é um espaço de preservação do tempo, no qual encontramos amontoados de tempos, épocas, lugares e coisas. Entretanto esse espaço de exposição está fora do tempo e concomitantemente o resguarda. Assim torna-se importante levar em consideração que o museu é um processo inacabado e que muitas vezes não só resguarda o tempo. Segundo Foucault, nesse quarto princípio a heterotopia “é, para o indivíduo, a perda da vida, e essa quase eternidade em que ele não cessa de se dissolver e de se apagar.” (1984, p.419). É como acontece no exemplo do barco em que frente ao infinito mar nos encontramos mediante a eternidade que *não cessa de se dissolver e de se apagar*.

⁴ É exatamente nesse sentido que Foucault já anuncia no começo do ensaio *Outros espaços* (1984) uma compreensão diferente ou não habitual dos conceitos de tempo e de história. Segundo o filósofo o tempo que está no museu não se refere unicamente ao tempo sucessivo, mas também ao tempo totalizante. Da mesma forma a história não é entendida unicamente como uma ordem nos acontecimentos, mas também como a origem da humanidade. “na verdade, não se trata com isso de negar o tempo; é uma certa maneira de tratar o que se chama tempo e o que se chama história.” (FOUCAULT, 1984, p.411).

Partindo para uma discussão mais prática, é a partir do século XX que os museus admitem uma função social. Essa nova função é representada pelo movimento da Nova Museologia⁵ que é compreendida como uma Ciência Humana com linguagem acessível a todos e fundamenta um Novo Museu. Nessa nova concepção de museu o que importa vai além das paredes do museu para o que contém fora de suas portas e janelas, ou seja, para o seu território, para a sua comunidade e enfim para a sua sociedade. Os indivíduos nesse caso, a população, partem de um olhar para si, para onde estão inseridos, para os problemas que ali habitam e participam ativamente no meio natural e social que estão envolvidos. O patrimônio se torna a sua identidade local. A identidade local diz respeito a um sentimento de pertença da imaterialidade do mundo. Desta forma, o ser humano que o museu abriga é o maior objeto de estudo do Novo Museu.

Enquanto o museu em seu sentido clássico é apenas um espaço em que as obras encontram-se justapostas, o Novo Museu está para além disso tendo como tarefa não só a exposição mas a conexão do ser humano com a realidade através da experiência museológica justamente pelo advento destes três elementos fundamentais (território, patrimônio e população).

As ciências humanas, com efeito, endereçam-se ao homem, na medida em que ele vive, em que ele fala, em que produz. É como ser vivo que ele cresce, que tem funções e necessidades, que vê abrir-se um espaço cujas coordenadas móveis ele articula em si mesmo. (FOUCAULT, 2007, p. 485).

O *Museu do Lixo* é um espaço de educação ambiental que, através da arte e de um circuito ambiental, provoca reflexão. O Museu contém amontoados de tempos, entretanto, esses amontoados implicam uma reflexão sobre o tempo que estamos vivendo agora e também uma grande preocupação com o futuro. O espectador encontra seu passado no Museu, sai do seu tempo real, de todas as concepções que tem, sai de si mesmo⁶ e percorre todos os tempos até se reencontrar. Quando se reencontra a reflexão se intensifica. O sujeito, espectador, volta o olhar a si mesmo, enxerga a si mesmo, se questiona e reconhece que o mundo é mais que ele mesmo. A reflexão sobre si é integral, ou seja, temporal, espacial, física e mental.

⁵ Ver em: CHAGAS, 2000. CURY, 1999. DE VARINE, 1986. SOARES, 2008. RIVIÈRE, 1985.

⁶ A esta reflexão se inclui a metáfora do espelho, a qual pretendemos desenvolver mais cuidadosamente em outro momento, mas que é desde já oportuno ser destacada.

Para melhor compreender essa reflexão podemos pensar no reflexo de um espelho. Essa metáfora foi exemplificada por Foucault ao apresentar o conceito de heterotopia no ensaio *Outros Espaços* (1984). Ele coloca a reflexão a partir do reflexo de um espelho como uma experiência mista entre a utopia⁷ e a heterotopia. Quando dirigimos nosso olhar para um espelho a primeira coisa que percebemos é o nosso reflexo. Esse reflexo é uma utopia, pois o espelho não constitui um espaço real, não constitui quem realmente somos e também não constitui ou representa o tempo. O espelho é um lugar (objeto) sem lugar (reflexo). Por isso ele também é uma heterotopia, porque o espelho existe realmente e o reflexo é como um efeito retroativo “é a partir do espelho que me descubro ausente do lugar em que estou porque eu me vejo lá longe.” (FOUCAULT, 1984, p.415). Nesse momento em que nos vemos lá longe nos deslocamos para esse espaço virtual, que é o espelho, e voltamos o olhar para nós mesmos. O espelho é ao mesmo tempo irreal, pois o espaço que ocupamos no ponto virtual não existe, mas existe no sentido em que olhamo-nos no espelho e reconstituímos tudo o que ele reflete. O espelho nesse sentido é compreendido como uma passagem, como um meio para reflexão. Isso significa que o espelho permanece e a reflexão continua. É a partir dessa instabilidade, desse perder-se e reencontrar-se que acontecem as transformações e formações (a construção da identidade).

O visitante está no museu, mas ele mesmo, mentalmente, se desloca para muitos outros lugares antes de olhar para si de um ponto virtual que de fato não existe. O museu funciona como um espelho, um lugar onde a experiência começa, mas ela só termina no ponto virtual que seria a nossa própria mente. O Museu incita nossa imaginação através de representações:

Uma ideia pode ser signo de outra não somente porque entre elas pode estabelecer-se um liame de representação no interior da ideia que representa. Ou ainda porque, em sua essência própria, a representação é sempre perpendicular a si mesma: é, ao mesmo tempo, *indicação* e *aparecer*; relação a um objeto e manifestação de si. (FOUCAULT, 2007, p. 89).

O reencontro com a realidade - que está em movimento diante de nós - a justaposição da ordem do mundo que tínhamos e que agora somos levados a por em prova, implica a reflexão de todos os conceitos já feitos, questionamo-nos,

⁷ Utopia, conceito apresentado por Foucault no ensaio *Outros Espaços* (1984) que denomina “espaços que fundamentalmente são essencialmente irrealis.” (FOUCAULT, 1984, p. 415).

desconstruímo-nos. Podemos pensar que essa inquietação que beira a angústia seja o fato de a reflexão acontecer. Sair de si e de todos os conceitos e certezas que temos para duvidar, questionar e logo nos reencontrar. Por isso a heterotopia é a base, é onde tudo pode acontecer, ela reúne as coisas, os seres e opera uma desconstrução. Movimento contrário ao movimento utópico o qual consiste na busca pela perfeição.

A heterotopia funciona, nesse sentido, não apenas como um lugar de significações e reflexões, mas como a própria experiência do humano com o real. A experiência acontece através do museu, porém existe de fato nas nossas mentes. Portanto, a experiência estética e museológica é um lugar sem lugar onde “todos os outros lugares reais, que se pode encontrar no interior da cultura, são simultaneamente representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, mesmo quando eles sejam efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 1984, p.415). O lugar da experiência é o museu e esse lugar sem lugar se dá ao fato de a experiência acontecer também em nossas mentes.

O *Museu do Lixo* pode ser considerado como um espaço heterotópico porque a heterotopia enquanto lugar de questionamento, de desconstrução, e reflexão se encontra na experiência estética e museológica que o Museu proporciona. “Assim, em toda cultura, entre o uso do que se poderia chamar os códigos ordenadores e as reflexões sobre a ordem, há a experiência nua da ordem e de seus modos de ser.” (FOUCAULT, 2007, p. XVII, XVIII).

CAPÍTULO II

Histórico do *Museu do Lixo*

A história do *Museu do Lixo* começa no território onde se encontra a Companhia Melhoramentos da Capital –COMCAP. Território com área: 92.209,21 m² localiza-se em cima do manguezal do Itacorubi. Em 1958 foi instalado um lixão que funcionou durante aproximadamente trinta anos nesse território. O lixão foi desativado em 1990, com um projeto de uma estação de transbordo e uma renovação paisagística. Foi aterrado e reflorestado com plantas nativas de Florianópolis, e um circuito ambiental organizado e inaugurado no ano de 2.000 ⁸.

Os garis que trabalhavam e - alguns que ainda trabalham na empresa Comcap - se sensibilizaram ao encontrar objetos no lixo que ainda poderiam ter alguma utilidade e os guardaram em um galpão. Conforme o tempo passou, as peças aumentaram e a ideia surgiu. Criar um museu para sensibilizar a comunidade de Florianópolis a cuidar de seu meio ambiente. A empresa Comcap em busca de concretizar o sonho, convidou o funcionário Valdinei Marques conhecido como NeiCiclagem, artista autodidata, a organizar as peças no espaço onde funcionou a antiga estação de triagem da Comcap com a finalidade de criar o *Museu do Lixo*.

Em, 25 de Setembro de 2003, nasce o *Museu do Lixo*. Hoje, em 2016 o Museu se localiza no antigo galpão de triagem de matérias recicláveis, no CTReS da Comcap, no bairro do Itacorubi.⁹

MISSÃO: Sensibilizar a comunidade de Florianópolis a REDUZIR, REUTILIZAR E RECICLAR os resíduos sólidos por meio de atividades na área da história, da arte e da educação.

VISÃO: Ser referência como instituição de Educação Ambiental no Estado de Santa Catarina.

OBJETIVO: Transformar o Museu do Lixo no Museu de Educação Ambiental de Florianópolis, através de visitas ao circuito ecológico guiadas por monitores ambientais, de oficinas artísticas

⁸

Site: <http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?pagina=home&menu=0>

⁹

Idem.

permanentes para a reutilização dos materiais recicláveis e de espaço de exposições sócio-ambientais itinerantes.¹⁰

Antigamente, este território onde hoje se localiza o Museu era um lixão. Este lixão foi aterrado e hoje é um local de separação de lixo e de educação ambiental. Além disso, o Museu mantém relações com a comunidade em que esse território está inserido. Podemos compreender que este território conta a história do consumismo desenfreado que vivemos, e que esse consumismo gera ainda mais descarte. O que vem acontecendo é um descarte equivocado que prejudica e compromete o ambiente que vivemos. Este é um dos resultados da relação do homem com a natureza. Hoje, como *Museu do Lixo*, tem o objetivo de se tornar uma instituição referência de educação ambiental em Santa Catarina. A missão, visão e objetivo concordam com a concepção de que o *Museu do Lixo* é o território onde se encontra a Comcap.

O espaço físico da Comcap é grande: área da Comcap: 92.209,21 m²; área do *Museu do Lixo*: 200 m². O Museu possui um circuito ambiental em uma trilha no pátio da Comcap. Compreendemos que o circuito ambiental faz parte do Museu, pois pensamos que sem ele a experiência *Museu do Lixo* não faria sentido.

Hoje o *Museu do Lixo* possui uma Divisão de Educação Ambiental –DVCOA na empresa Comcap. O Museu faz parte dessa divisão sendo que este setor já passou por algumas mudanças dentro do organograma da empresa. A equipe é composta hoje pelo gerente Luiz Dorizete, pelo artista Valdinei Marques, pelos educadores ambientais Ricardo Conceição, Glória Clarice Martins, Maria Prá, Joseane Rosa, pelo auxiliar administrativo Juarez Canto Luiz e conta com o artista e voluntário que acompanha a Museu há muitos anos Cleyton Baudino. A equipe recebe estagiários na área de educação ambiental, na área de engenharia sanitária, na área de biblioteconomia e na área de museologia.

O acervo do *Museu do Lixo* é vasto, segundo informações internas, possui aproximadamente dez mil peças. A partir dos objetos ali reunidos o visitante pode refletir sobre a história da tecnologia, a história de Florianópolis, conhecer outros artistas plásticos, instrumentos musicais, vinis, livros, etc. E também algumas pessoas que não possuem um contato tão próximo com a arte em si, e que a considerem apenas

¹⁰ Referência retirada do *Plano Museológico (processo de elaboração e resumo de reuniões)*, Equipe EA-DVCOA/DPTE/COMCAP. Disponível na rede DVCOA.

no seu sentido clássico das belas artes, podem refletir sobre a questão de o que ali se apresenta ser ou não arte. Inicialmente as peças vieram do lixo, hoje recebem doações de artistas, ou pessoas que querem contribuir e ter sua história dentro do Museu.

CAPÍTULO III

Experiência

I. Exposições

O discurso expositivo do *Museu do Lixo* pode ser compreendido como uma provocação à sociedade atual que vivemos, uma provocação de reflexão sobre nossos hábitos. No galpão antigo de triagem, considerado o Museu, podemos sentir duas sensações: a primeira é que nos reconhecemos, como que em casa; a segunda corresponde à perturbação causada pelo acúmulo. De certa forma, poderíamos também falar em uma sensação de claustrofobia dentro da sala expositiva, sensação que futuramente poderá se tornar evidente em nosso planeta se seguirmos no ritmo que seguimos.

Para Thévoz, “Expor é tomar e calcular o risco de desorientar – no sentido etimológico: (perder a orientação), perturbar a harmonia, o evidente, e o consenso, constitutivo do lugar comum (do banal).” (1984, p. 167). Ou seja, é saindo no nosso ambiente comum, banal, que nos aproximamos do que pensamos sempre estar próximos, do real.

O *Museu do Lixo* é como uma reflexão no espelho, em que nos reconhecemos em hábitos diários. Podemos encontrar a nossa casa e o nosso passado que ainda estará no presente por muitos e muitos anos. “No entanto, a emulação não deixa inertes, uma em face da outra, as duas figuras refletidas que ela opõe.” (FOUCAULT, 2007, p.27). Este reflexo mostra o oposto em nossa figura. Essa nova reflexão supõe o desejo de uma nova forma de agir, uma nova forma de atuar na sociedade e nos nossos meios ambientes (mente, corpo e natureza).

Agora convidamos o leitor a fazer uma visita virtual e a percorrer todos os módulos do *Museu do Lixo*. A visita começa na sala de lanche que também é chamada de sala de convivência. A sala é feita com telhas recicláveis e uma parede feita de garrafas pet. Nesta sala os visitantes são recebidos por caras feitas com tampas de lixo, por mandalas, e também por uma horta sustentável com uma *Recicleta*. Tudo isso é acompanhado pelos mediadores/educadores ambientais. Os mediadores instigam a discussão sobre os resíduos sólidos, líquidos e sobre seus caminhos desde a fabricação, uso, descarte e a

rota que o lixo percorre até sua decomposição. O caminho do lixo é ilustrado no quadro *A Rota Do Lixo*. Podemos observar o quadro na imagem a seguir e também as telhas recicláveis que se encontram no lado inferior esquerdo, essas telhas estão disponíveis ao manuseio.

A Rota do Lixo:



11

Sala de Lanche:



12

¹¹ Imagem de arquivo pessoal.

A horta é criação do Recycleyton, voluntário que faz parte do grupo *Bio Agradáveis* que compõe o *Museu do Lixo*. O grupo é composto por: Valdinei Marques conhecido como *NeiCiclagem*, Ricardo Conceição o *Reciclardo* e Cleyton Balduino, o próprio Recycleyton. A horta é composta por vasilhos feitos com garrafas pets, canos e por uma *Recicleta*. A *Recicleta* é uma bicicleta modificada com canos de máquina de lavar para que ao pedalar a água que foi colhida da chuva, guardada em um recipiente conectado aos canos da *Recicleta*, sugue a água e regue todas as plantas da horta.

Recicleta:



13

Os educadores ambientais envolvem os visitantes em uma pedagogia intuitiva¹⁴ mediante a qual se instiga um diálogo a respeito de seus cotidianos, e os fazendo compreender que todos somos feitos de meios ambientes; são eles: mente, corpo, casa, escola, cidade, natureza e por fim, o planeta que habitamos. Compreendendo que nossas ações refletem no mundo, que o cuidado com nós mesmos também nele se reflete. E assim é possível que alguns parem para pensar sobre o consumo cotidiano. Em meio a essa conversa os mediadores conhecem os visitantes e desenvolvem a forma com que falam e apresentam o Museu.

¹² Imagem de arquivo pessoal.

¹³ Imagem de arquivo pessoal.

¹⁴ Termo desenvolvido pelas estudantes: Daniela Eli e Luiza Turnes; estudantes de pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, desenvolveram o termo *pedagogia intuitiva*, em sua pesquisa: *O luxo do lixo: O Museu do Lixo como desafio à transformação*. Este trabalho foi o resultado do estágio curricular das estudantes realizado no *Museu do Lixo* em 2012.

A reflexão *Museu do Lixo* só é possível a partir da experiência do circuito ambiental. Podemos dividir o circuito em dez módulos: Sala de Lanche ou Sala de Convivência, Balança, Reflorestamento da Área, Composteiras, Mirante, Transbordo, Depósitos de Vidro, Pneus e Óleo, Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis/ACMR, Horta Pedagógica e *Museu do Lixo*. Entretanto, por ser um ambiente onde os caminhões da coleta de lixo passam pelo pátio da Comcap e entre o circuito ambiental, existe um circuito seguro para menores de 12 anos. O circuito seguro para menores de 12 anos passa apenas pelos módulos: Sala de Lanche, Horta Pedagógica, ACMR, Depósitos de Vidro, Pneus e Óleo, e *Museu do Lixo*.

Circuito ambiental:



Legenda

- Caminho de Ida
- ← Caminho de volta
- Circuito seguro geral
- Circuito seguro para menores de 12 anc
- Caminho de volta - opção 2

15

Nessa visita virtual passaremos por todos os módulos do Museu fazendo o circuito seguro geral. Esse circuito ambiental inicia-se na balança onde o cálculo do lixo produzido diariamente pela comunidade de Florianópolis é computado. O cálculo chega a mais ou menos quinhentas toneladas de lixo diário.

Como a visitação é feita em um campo real podemos ver tudo acontecer, os caminhões passando, o lixo sendo transbordado para um caminhão maior e levado para

¹⁵ Imagem de arquivo pessoal.

o aterro sanitário. Podemos ver também a quantidade de caminhões cheios de lixo que não param de chegar. O movimento desses caminhões aciona a reflexão a respeito de quem gera tanto lixo. Como um efeito retroativo, vemos que isso faz parte de nós ou que nós fazemos parte disso.

Balança:



16

Passando a balança nos aproximamos do módulo três: área de reflorestamento que foi feita logo após o aterro do lixão que existia nesse território. Os mediadores e educadores ambientais contam essa história e falam sobre as espécies de plantas e árvores que podemos encontrar ali. O projeto de reflorestamento foi feito com o cuidado em plantar árvores e plantas que não tem a raiz muito longa, para que não se alimentem dos resíduos que ainda existem em baixo desta terra.

Área de Reflorestamento:

¹⁶ Imagem de arquivo pessoal.



17

Depois de aprender, na sala de lanche, como fazer uma composteira caseira temos a experiência de ver e tocar em composteiras gigantes. Nelas são colocadas todas as ‘podas’ trituradas da cidade. Além da experiência olfativa, também podemos visualizar uma fumacinha saindo das composteiras, colocando em evidência a decomposição que acontece no momento da visita. Esta é a sensação do Museu, a aproximação da realidade que não cessa.

Composteira:

¹⁷ Imagem de arquivo pessoal.



18

Por conseguinte visitamos o módulo mirante que é um momento muito especial do circuito ambiental, pois podemos encontrar aqui a história que vem sendo contada desde o início do circuito. Encontramo-nos no topo das árvores do mangue. Sentimos um cheiro desagradável, união do cheiro natural e de odores produzido por nós mesmos. Encontramos também em cima do mangue o *Shopping Iguatemi*. Se antes não estávamos convencidos de que o consumo do homem é realmente preocupante, é neste módulo que o problema torna-se explícito perante a experiência dos nossos sentidos. O mau cheiro do mangue e da poluição acompanha-nos até o módulo seis.

Mirante:

¹⁸ Imagem de arquivo pessoal.



19

No módulo seis, na área de transbordo, os caminhões de coleta tradicional trazem o lixo para ser transbordado em outro caminhão com destino ao aterro sanitário de Biguaçu/SC. Podemos ver os caminhões transbordando lixo, podemos ver e ouvir a diversidade de resíduos sólidos que estão indo para baixo da terra. Encontramos fogões, geladeiras, TVs, roupas, plásticos, comidas e às vezes até abandono de animais mortos. Esta experiência visual, sonora e olfativa é chocante. Na frente da área de transbordo, encontramos um espaço de tratamento da água utilizada na lavagem das bombonas dos caminhões. Depois do transbordo, os caminhões são lavados a fim de retornarem a circulação.

Área de Transbordo:

¹⁹ Imagem de arquivo pessoa. Percebam o lado esquerdo da imagem, o shopping Iguatemi. Percebam também a altura que podemos nos encontrar ao olhar a imagem e a altura que estão as árvores do manguezal.



20

No módulo sete passamos pelos depósitos de óleo, pneu e vidro. Aqui focamos na experiência visual e sonora. O depósito mais interessante é o de vidro, pois vemos uma grande massa de vidro e ouvimos muitas vezes os vidros caírem no chão enquanto mais uma carga de vidro chega ao depósito. Todos os nossos sentidos são suscitados nessa experiência e é essa experiência multissensorial que compõe o *Museu do Lixo*.

Depósito de vidro:

²⁰ Imagem de arquivo pessoal.



21

Depósito de pneu (esquerda) e depósito de óleo (direita):



22

O próximo módulo é o da Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis, ACMR, uma ação da prefeitura municipal de Florianópolis/SC em parceria com a Comcap e com a Fundação Nacional de Saúde/FUNASA. A Comcap disponibiliza o espaço, um galpão grande com uma parte fechada e a outra aberta para que essa

²¹ Imagem de arquivo pessoal.

²² Imagem de arquivo pessoal.

associação trabalhe e separe os resíduos recicláveis, como, por exemplo: plástico, papel e papelão. Aqui o mediador ambiental conta como o lixo reciclável vem ainda misturado com resíduos orgânicos e que isso dificulta o trabalho da associação e principalmente o trabalho da reciclagem. Isso porque ao misturar os resíduos orgânicos com resíduos sólidos que poderiam ser reciclados os resíduos sólidos iniciam a decomposição produzindo o chorume que acaba com a possibilidade de reciclagem. A experiência de visualizar os trabalhadores separando o lixo e em ver a quantidade de resíduos sólidos que não vão para a reciclagem, os quais ficam em um container fora da ACMR e que possuem um mau cheiro, é alarmante.

ACMR:



23

Depois de passarmos por quase todos os módulos do circuito ambiental chegamos a Horta Pedagógica e entramos em outro momento da experiência. Aqui os cheiros mudam, o visual muda, o toque muda, a reflexão entra em um novo momento. É como se pudéssemos curar a dor que causamos aos nossos meios ambientes com a própria natureza. Estamos diante de uma espécie de ecologia humana que se esforça para restituir nosso meio comum (o planeta) através da reformulação dos nossos hábitos e da nossa comunidade.

²³ Imagem de arquivo pessoal.

A Horta Pedagógica é composta por variadas plantas, legumes, frutas, árvores, temperos e obras artísticas espalhadas entre as plantas. Somos envolvidos pelos cheiros dos temperos, das plantas, pelo visual dos legumes crescendo, das pimentas na árvore Aroeira e o que chama muito atenção são umas mãos gigantes saindo da terra. Essas mãos, esculturas e objetos artísticos que estão espalhadas pela horta são obras do artista NeiCiclagem. A história sobre as mãos é muito interessante e se torna viva pelos mediadores e educadores ambientais. Eles contam que antigamente, quando esse território ainda era um lixão a Mãe Natureza ergueu suas mãos em pedido de socorro. A natureza estava sofrendo e sendo sufocada por todo aquele lixo misturado em cima do manguezal. E pelo pedido da Mãe Natureza esse território onde se localizava o lixão foi aterrado e reconstituído pelo trabalho de separação de lixo, pela educação ambiental e pela arte.

Horta Pedagógica:



24

²⁴ Imagem de arquivo pessoal.



25

Reconfortados pela experiência da horta pedagógica nos deslocamos para o *Museu do Lixo*. O Museu é organizado e separado por salas de ‘paredes móveis’. Podemos dividi-las em seis módulos: Histórico do Museu, História da Tecnologia, Mandala e Sala de Espetáculo, Biblioteca, Sala de Criação e Sala de Música.

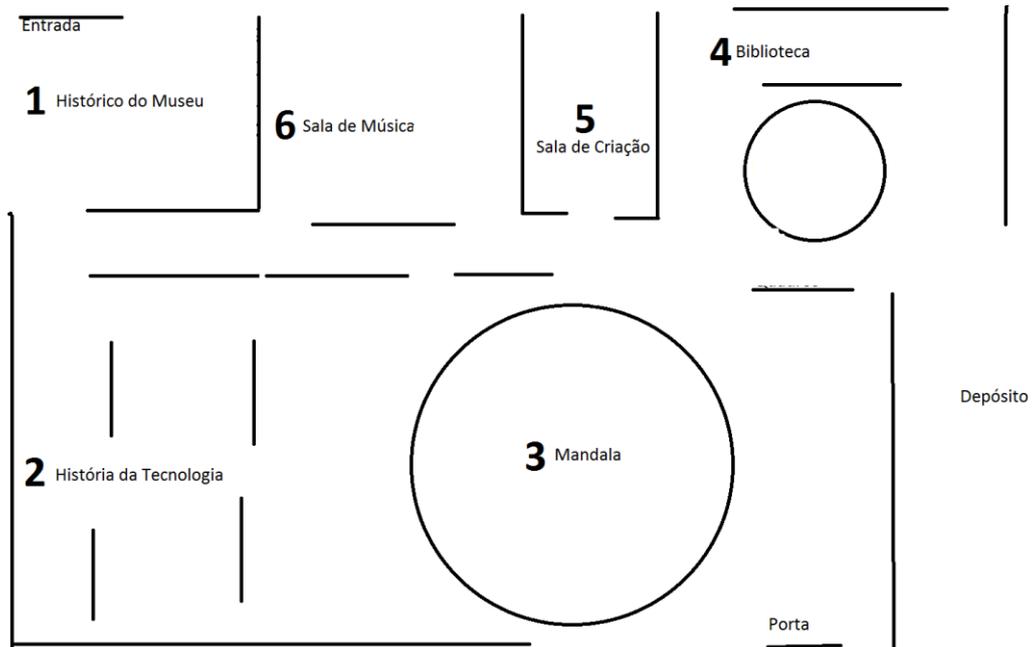
Museu do Lixo:



26

²⁵ Imagem de arquivo pessoal.

Planta do Museu:



27

O Histórico do Museu é a primeira sala onde encontramos variadas coisas e principalmente a história do Museu contata em fotos, cartazes, folhetos, quadros feitos para ilustrar o nome do Museu e toda a sua história.

Histórico do Museu:



28

²⁶ Imagem de arquivo pessoal.

²⁷ Imagem de arquivo pessoal.

²⁸ Imagem de arquivo pessoal.

Logo na entrada nos deparamos com várias esculturas e bonecos feitos com restos de computadores, câmeras fotográficas, canos, recipientes de produtos de beleza, redes, entre outros resíduos sólidos que tinham sido jogados no lixo. Estes bonecos são de uma série que o artista faz à aproximadamente quinze anos. Os bonecos são feitos sem cola, sem tinta e com resíduos do lixo. Todos eles têm uma história (processo criativo) e contam outra. Como por exemplo, a história do ET que veio visitar o planeta Terra com seu cachorro. Essa obra foi fruto da relação do *Museu do Lixo* com o grupo *As Cuidadoras*. *As Cuidadoras* são um grupo de mulheres que cuidam de animais que foram abandonados ou sofreram maus tratos . Uma dessas mulheres (Líliam) foi ao Museu, conheceu o artista e pediu a ele materiais para fazer casinhas para cachorros. O artista disse que essa experiência foi muito significativa, pois com ela ele percebeu que a natureza necessita de cuidados não só em relação ao lixo que jogamos nela, mas também em relação às plantas e aos animais. É como desejo de homenagear *As Cuidadoras* e a reflexão por elas instigada que o artista fez a escultura do ET que veio visitar a Terra com seu cachorro. O focinho do cachorro carrega uma tela de computador onde passam fotos de cachorros abandonados. Esse ET diz que de onde ele vem ninguém abandona e maltrata seus amigos animais e que percebeu que aqui na Terra muitas pessoas fazem isso. Desta forma a tela mostra a quantidade de imagens de animais abandonados e maltratados que eles virão ao visitar a Terra. O ET e o cachorro comunicam a situação crítica de abandono e dos maus tratos de animais que acontece com frequência em nossa cidade e indiretamente advertem que não devemos abandonar e maltratar nossos amigos animais.

ET e seu cachorro:



Nesta mesma sala encontramos outros bichinhos, como por exemplo, a abelha que come lixo. Essa abelha faz parte da série de bonecos que o artista faz sem cola e sem tinta. A criação da abelha aconteceu por acaso, o artista estava passeando pela praça dos bombeiros no centro de Florianópolis e avistou lindas flores amarelas, mas apenas uma duas ou três abelhas sobrevoando as flores. Olhou então para uma lixeira e viu que milhares de abelhas estavam se alimentando em um copo de coca-cola. Imediatamente percebeu que as abelhas estavam no lugar errado. Resolveu então fazer uma obra para ampliar uma dessas abelhas e para que percebamos que se não separarmos o lixo corretamente, se não lavarmos os recipientes antes de colocarmos no lixo, animais como as abelhas podem se alimentar desses resíduos que não fazem bem para elas e para a natureza. O resultado foi uma abelha gigante que sobrevoa a entrada do Museu, ela é transparente, feita com uma rede, e podemos ver o que tem dentro dela, ou seja, podemos ver do que ela anda se alimentando.

Abelha:

²⁹ Imagem de arquivo pessoal.



30

Ainda nesta mesma sala encontramos duas paredes que representam: *Do Lixo ao Luxo*, e, *Do Luxo ao Lixo*. Cada uma dessas paredes é feita por uma vitrine grande de brinquedos de todos os tipos que pode se imaginar. A primeira parede, *Do Lixo ao Luxo*, são brinquedos que não estão quebrados e podem virar outros brinquedos ou podem virar brinquedos de outras crianças. A segunda parede, *Do Luxo ao Lixo*, encontram-se brinquedos quebrados, que também poderiam se transformar em outros brinquedos e servir para outras crianças. Ou seja, o discurso é que nada é descartável. Nada tem um fim e o destino está em nossas mãos e em nossa criatividade. Essa reflexão nos é despertada pela quantidade de formas, brinquedos, cores e histórias que nós mesmos já vivemos.

Do Lixo ao Luxo (direita), *Do Luxo ao Lixo* (esquerda):

³⁰ Imagem de arquivo pessoal.



Continuando a olhar dentro dessa sala de entrada, as paredes estão cheias de quadros, fotos, desenhos, pinturas, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os artistas e pessoas. De certa forma podemos conversar com todas aquelas pinturas, com todos aqueles bonecos, com todos aqueles desenhos e fotos. E enfim, com nós mesmos. Continuando nossa visita encontramos a segunda sala que retrata a história da tecnologia.

A sala história da tecnologia nos transporta mais ainda para uma viagem ao tempo. Encontramos amontoados de TVs, máquinas de costura, aparelhos e cadeira de dentista antigo, câmeras fotográficas, vídeo games - a parte dos vídeos games é a mais interessada pelas crianças- entre outros. As crianças não acreditam que existiam máquinas tão antigas como aquelas, não acreditam que os CDs de jogos eram em fitas. E é possível pensar que daqui a alguns anos os vídeos games delas serão tão antigos quanto estes. A tecnologia - o capitalismo - não permite que essas máquinas fiquem em circulação tanto tempo. Elas mudam assim como o vento, assim como as nuvens que

³¹ Imagem de arquivo pessoal.

³² Imagem de arquivo pessoal.

passam no céu. Entretanto, já paramos para pensar para onde vão as nuvens de tecnologias que passam por nós e que quase não percebemos? Elas vão para de baixo da terra. Onde não as vemos mais. Nesta sala a proposta do artista é atordoar-nos com o acumulo, é mostrar-nos tudo o que passou por nós como um simples vento, é mostrar-nos que nossa vontade de sempre querer o novo que a tecnologia demanda não é nossa vontade, mas sim, uma vontade implantada pelo capitalismo que faz parte de nós sem ao menos nos questionarmos se é isso que queremos.

Sala de Tecnologia:



33

Indo da sala de tecnologia em direção ao espaço de espetáculo e a mandala nos direcionamos a variados objetos de cozinha, novos e antigos. Na mandala, em frente às cadeiras organizadas em forma de plateia encontramos o baú do tempo. Neste baú são depositamos objetos novos e antigos, para mostrar principalmente para as crianças, como se tomava banho, como eram passadas as roupas, como eram as bonecas e como hoje em dia são as bonecas e bonecos. Dentro desde baú há uma divisória onde na segunda parte encontramos apenas brinquedos feitos de lixo. Carrinhos de garrafa pet –

³³ Imagem de arquivo pessoal.

os quais fazem muito sucesso -, bonecos e bonecas, como, por exemplo, o *Blue Dog* que é um fantoche de cachorro feito com embalagem de produto de limpeza. O *Blue Dog* conversa com as crianças sobre como reutilizar e transformar o que iria para o lixo em brinquedos. Tudo no Museu é vivo, podemos conversar com esses objetos que se tornam vivos através da nossa experiência, reflexão e imaginação.

Baú fechado:



34

Baú aberto:



35

³⁴ Imagem de arquivo pessoal.

³⁵ Imagem de arquivo pessoal.

Entretanto isso só acontece depois de uma visita em todos os módulos da instalação. O espetáculo é a última fase da visitação. Partimos para a biblioteca onde encontramos variados livros, gibis, revistas, fitas cassetes e uma poltrona que chama para que sentemos e façamos alguma leitura.

Biblioteca:



No caminho até a biblioteca podemos encontrar uma escultura representando a Mãe Natureza Grávida de Lixo. Essa escultura é muito forte e a sua história, que como tudo que acontece no Museu, acontece por acaso. O artista foi visitar o aterro sanitário de Biguaçu e avistou um morro de lixo aterrado parecendo a barriga de uma mulher grávida, vista na horizontal (deitada). Foi então que ele teve a ideia de fazer uma escultura da Mãe Natureza Grávida de Lixo no momento de um aborto espontâneo, como o momento em que o aterro sanitário arrebenta devido ao fato de estar muito cheio. O artista pegou um manequim que encontrou no lixo e fez uma barriga aberta, com sangue e lixo saindo de dentro dela. A escultura é muito forte e propõe a reflexão

³⁶ Imagem de arquivo pessoal.

³⁷ Imagem de arquivo pessoal.

de que nós todos somos os responsáveis dessa gravidez indesejada, o lixo não se torna mais lixo, mas sim, parte de nós.

Mãe Natureza Grávida de Lixo:



38

Continuando nossa visita avistamos um boneco com a boca aberta em cima da sala de criação, que chama muito atenção pela expressão. A sala de criação é como o ateliê do artista. Encontramos todos os tipos de objetos, alguns bonecos para concerto, pregos, martelos, panos, fios, ferramentas. Entretanto, esta sala não é muito visitada, pois os mediadores/educadores ambientais levam com mais frequência os visitantes para os outros módulos e deixam a sala de criação para o trabalho interno.

³⁸ Imagem de arquivo pessoal.

Sala de Criação:



39

Outro módulo interessante é a sala de música. Essa sala possui um acervo vasto de vinis e instrumentos musicais disponíveis ao manuseio. Também encontramos um sofá que podemos sentar e colocar um disco para tocar ou manusear algum instrumento. Essa dinâmica proporciona a sensação de estarmos na sala da nossa casa. Porém, esse módulo se encontra em reforma. Essa é uma das questões do Museu, podemos visita-lo hoje e quando formos amanhã muitas coisas podem e provavelmente deverão estar diferentes. O Museu está em constante formação, transformação, criação, da mesma forma como o tempo, a natureza e nós seres humanos.

Sala de Música:

³⁹ Imagem de arquivo pessoal.



Todos prontos agora para o espetáculo, sentamo-nos todos na plateia e observamos atentamente as histórias contadas pelo educador ambiental. Observamos e também podemos participar, contando nossas histórias e o que fazemos para contribuir com o cuidado do nosso planeta. Certa hora do espetáculo o *Rei Ciclagem* aparece. Um educador ambiental se veste de rei com roupa, coroa e cetro feitos de lixo. O Rei chega até nós e às crianças e propõem um juramento para que nós também nos tornemos agentes ambientais. O *Rei Ciclagem* foi idealizado pelo artista Valdinei Marques, mas hoje se torna vivo em todos os educadores ambientais que recebem as turmas. O juramento acontece quando o Rei pede para que seus súditos coloquem a mão em seus corações, fechem os olhos e prometam para si mesmos que cuidarão do planeta, que cuidarão de suas professoras, que cuidarão de seus amigos, de seus cachorros, gatos e animais em geral. E que continuarão a usar os três Rs que se é falado desde o início da visitação, são eles: Reduzir, Reutilizar e Reciclar. Após o juramento todos são convidados a ir até a mandala e dançar em um ambiente feito com luzes e um globo de espelhos que gira em um motor de micro-ondas. A música sai de um toca disco com algum vinil antigo. As crianças dançam Cindy Lauper, Rita Lee, Michael Jackson entre outros nomes que provavelmente ainda não conheciam. Após a dança todos saem abraçar o educador ambiental e correr pegar suas mochilas para voltar à escola.

⁴⁰ Imagem de arquivo pessoal.

Sala de Espetáculo e Mandala:



41



42

⁴¹ Imagem de arquivo pessoal.

⁴² Imagem de arquivo pessoal.

II. Experiência

Como vimos à experiência *Museu do Lixo* é muito intensa e o público como em qualquer outra experiência museológica, precisa de um tempo para absorvê-la. A experiência do Museu termina na casa dos próprios visitantes, quando conseguem compreender o que toda a exposição provocou. “A conclusão do processo de visitação é a apreciação em si mesma, aquela realizada pelo próprio público que, em sua mente, recria o discurso expositivo.” (CURY, 2005, p. 44. 45).

O Museu provoca uma experiência multissensorial que nos marca exatamente pela sua intensidade. Para que a investigação seja completa uma pesquisa de campo foi realizada durante algumas semanas com acompanhamento de três turmas. Entretanto, pela compreensão de que a experiência museológica só termina quando os visitantes estão fora do Museu, refletindo e reconstituindo o que viveram ali a pesquisa deveria compreender todos os processos dessa experiência. Por isso, como metodologia de pesquisa solicitamos aos alunos que fizessem um desenho ou uma escrita (conforme a preferência de cada um) quando já em suas casas sobre a experiência que tiveram no Museu. A escolha dos desenhos compreende os processos da experiência museológica, pois os desenhos são feitos fora do Museu e pelo desejo de que fossem sinceros. A partir de algumas bibliografias em relação à psicologia⁴³ é possível compreender que os desenhos, assim como os sonhos, podem manifestar, através desses aspectos expressivos, como o sujeito se coloca no mundo. Isso quer dizer que a forma com que o sujeito expressa suas experiências no papel demonstra como ele se relaciona consigo e com o ambiente que vive. A forma de expressão a partir da própria textura do traço no desenho também traduz seus desejos e conflitos inconscientes sem censuras.

As visitas acompanhadas foram de três turmas. Uma delas foi o grupo do Centro de Educação e Trabalho/CENET, que são adultos com deficiências mentais da Fundação Catarinense de Educação Especial/ FCEE. As duas outras turmas de visitantes foram o quarto ano matutino e o vespertino do Centro Educacional Universo. Além de acompanhar as visitas relatamos para as turmas sobre a pesquisa e o questionamos se eles tinham interesse em contribuir. Todos gostaram da proposta e quiseram participar. Apresentamos então a proposta para que usassem a folha e o lápis como quisessem e

⁴³ Ver em: VANKOLCK, 1984; HAMMER, 1991.



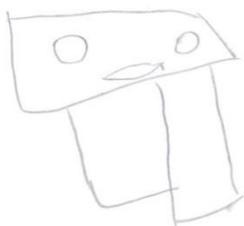
PROP. MEMÓRIA



BAMINHA



RÁDIO



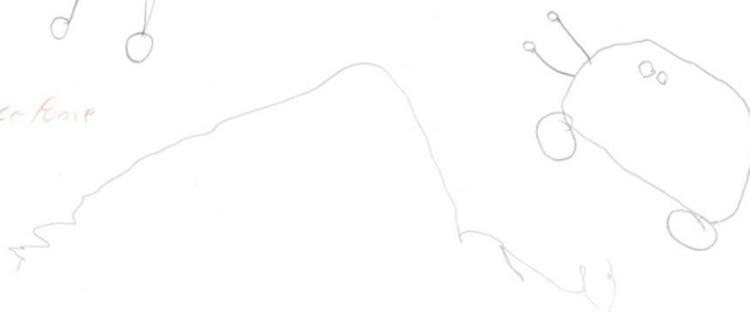
45



TELEFONE



CARRINHO

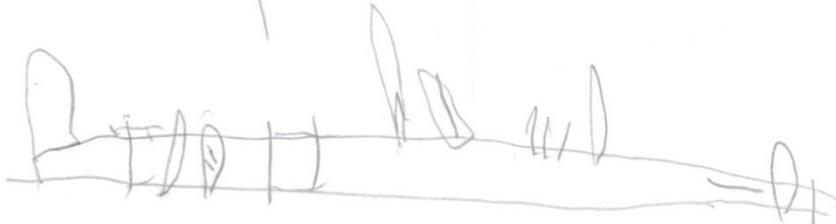
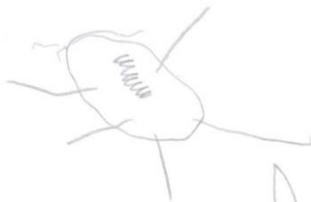
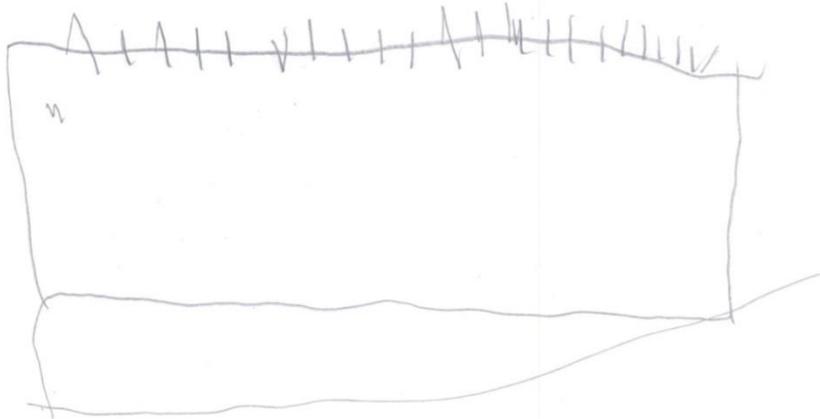


46

⁴⁵ Imagem de arquivo pessoal.

⁴⁶ Imagem de arquivo pessoal.

TECIDA



⁴⁷ Imagem de arquivo pessoal.



48

Como podemos observar as formas predominantes nesses desenhos foram o quadrado, o retângulo e triângulo que nos remetem às telhas. As telhas recicláveis de fato tiveram muito sucesso durante a visitação. Essa turma trabalha a separação de lixo e muitos deles disseram que lavam as caixinhas de leite, mas não sabiam no que elas poderiam se transformar. Ficaram surpresos ao vê-las em forma de telhas e podemos supor que o prazer em ver o resultado de seu trabalho gerou a vontade de expressá-las.

Podemos perceber também que tudo o que está representado nesses desenhos foi comentado na visita, como por exemplo a bicicleta pendurada no teto que a professora comentou e apontou para que olhassem por ser um modelo muito antigo. Reciclardo (Ricardo Conceição) foi o educador ambiental dessa visita e foi representado de diferentes formas em muitos desenhos. A Horta Pedagógica foi representada em um dos desenhos com um sol radiante em cima, expressando exatamente como estava aquele dia. Depois da horta fomos para ACMR, quando chegamos lá um caminhão passou. Esse mesmo caminhão em pleno movimento é representado como vimos em um dos desenhos anteriores. Os vidros são representados como facas, as professoras e o Reciclardo disseram: – Cuidado, os vidros podem cortar. É sempre como se cada momento da visita estivesse representado nesses desenhos.

⁴⁸ Imagem de arquivo pessoal. Um lado do desenho.

É interessante observar a realidade projetada por essas formas abstratas. Os desenhos demonstram um encantamento duplo, o momento da visita no Museu (o movimento das formas representadas) e o momento em que a visita aparece paralisada em sua representação (eternizadas pela forma de desenho).

A outra turma que nos disponibilizou os desenhos é pertencente ao Centro Educacional Universo e nos disponibilizou também textos. Os desenhos juntamente com os textos constituem uma atividade avaliativa desenvolvida pela Professora Gisele Hohgraefe de Souza monitora da disciplina de Educação Ambiental nesse centro escolar. A professora, com intenção de contribuir para a nossa pesquisa, compartilhou esse trabalho no qual os alunos deveriam escrever, em suas casas, um texto sobre a vivência no Museu do Lixo e depois representar o que mais lhes chamou atenção em um desenho. A professora Gisele desenvolveu o conceito de vivência designando tudo o que vivemos como experiências, ou seja, tudo o que experimentamos a cada dia incluindo novas sensações permitem transformações e formações.

Acompanhe agora alguns dos resultados:

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^{ano} BIMESTRE: 2^o ANO: 2.01

DISCIPLINA: Ed. Ambiental PROFESSOR: Gizele

DATA: 15/06/16.

NOME: Luana Dutra NOTA: _____



Vivência na Comcap

Na Comcap vimos e aprendemos várias coisas. Quando chegamos lá fomos primeiro lanchar, depois conhecemos um moço chamado Ricardo que ia ser nossa guia. Depois do lanche fizemos o descarte correto das nossas embalagens, aí fomos ver uma composteira e pegamos minhocas na mão, conhecemos o Reciclaitec e sua invenção, a regadeira que era uma bicicleta ergométrica que quando pedalaria regava as plantas e conhecemos a Marcela, que nos acompanhou para ajudá-la em seu TCC de museologia. Fomos passear na horta pedagógica, observamos a casa de lixo bonito (recicláveis) e de lixo feio (rejeitos). Depois fomos no museu de lixo, lá tinha vários brinquedos, coisas eletrônicas e tinha também muitas coisas antigas que hoje quase não se encontra, tinha até pipone que funcionava. No final nós fizemos um juramento prometendo cuidar da natureza, fazer o descarte correto e ser protetores da água. Depois fomos para o ônibus e voltamos para a escola.

49



EDUCANDO: Bianca EXPRESSÃO PLÁSTICA

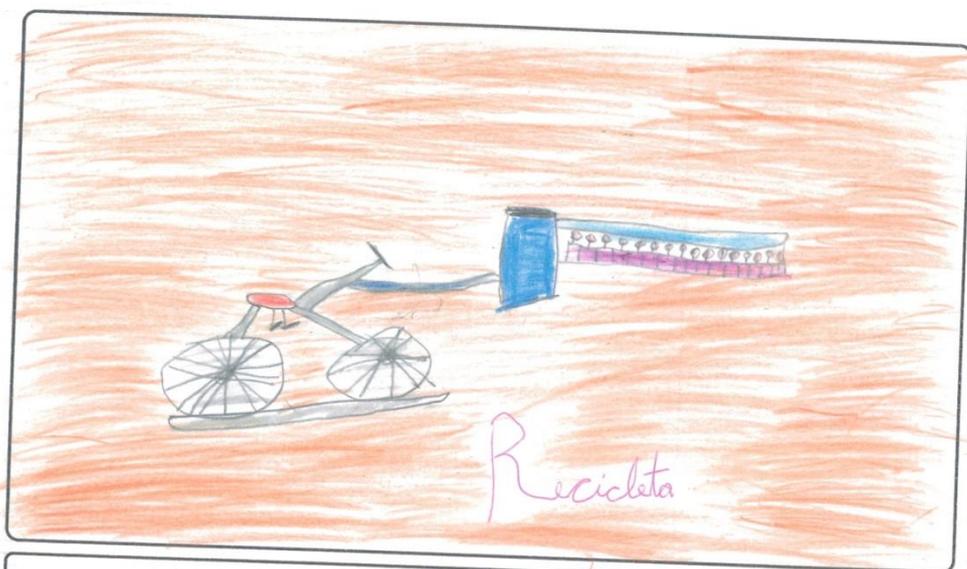
TEMA: VIVÊNCIA NA LONCAP

PROFESSORA: GISELI DISCIPLINA: _____

DATA: 12/06/2016 TURMA: 4º

UNIVERSO

50



EDUCANDO: Bianca EXPRESSÃO PLÁSTICA

TEMA: Vivência na Loncap

PROFESSORA: GISELI DISCIPLINA: E

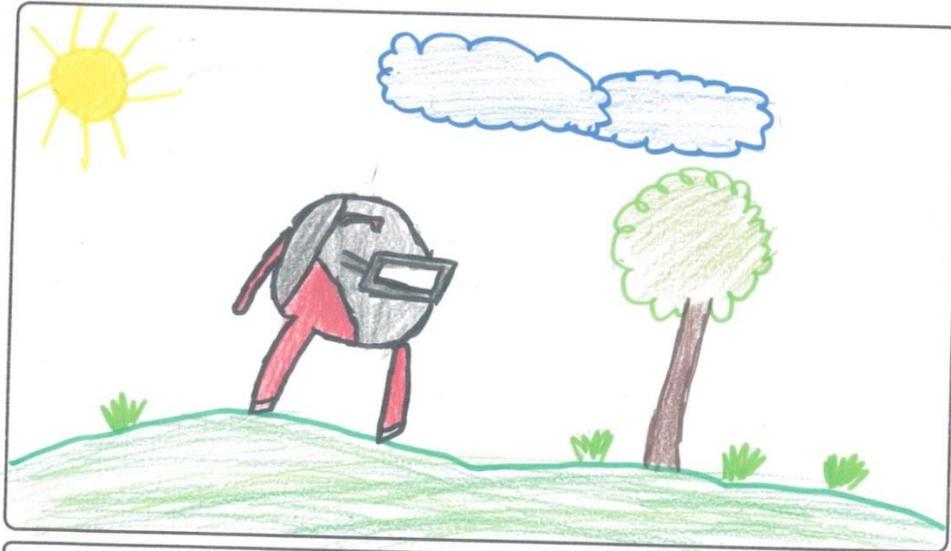
DATA: / / 2016. TURMA: 4º

UNIVERSO

51

⁵⁰ Imagem de arquivo pessoal.

⁵¹ Imagem de arquivo pessoal.



EDUCANDO: ISABELLI EXPRESSÃO PLÁSTICA
 TEMA: vivência no campo
 PROFESSOR: ANISELE DISCIPLINA: E.A
 DATA: 13/06/2016 TURMA: 4º

UNIVERSO

52



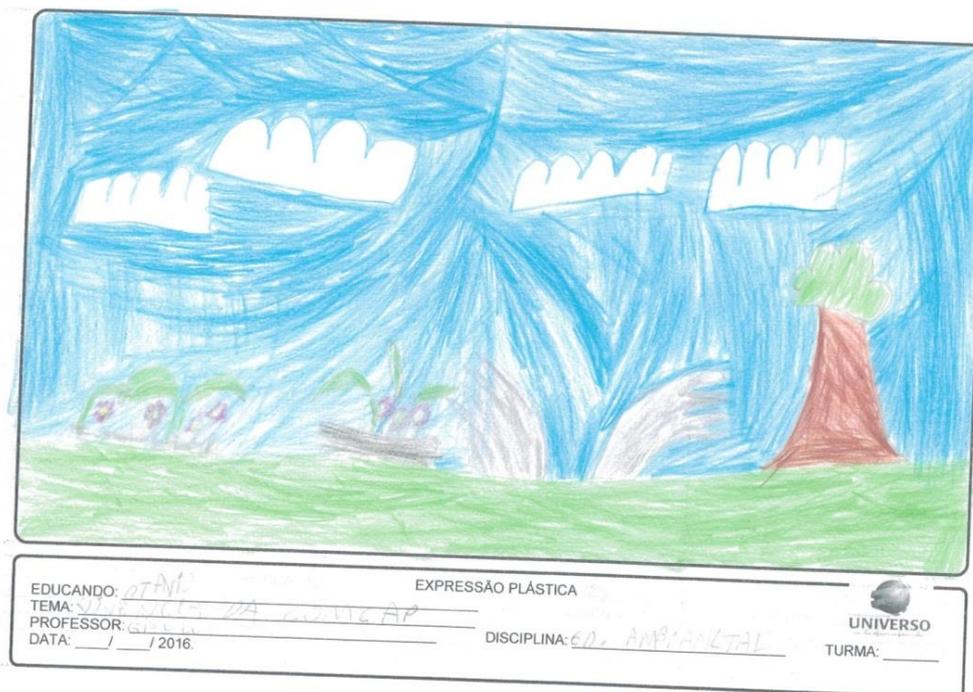
EDUCANDO: Isolano EXPRESSÃO PLÁSTICA
 TEMA: Atividade no campo
 PROFESSOR: Anisele DISCIPLINA: Ed. Ambiental
 DATA: 15/07/2016 TURMA: 4º

UNIVERSO

53

⁵² Imagem de arquivo pessoal.

⁵³ Imagem de arquivo pessoal.



54

Os desenhos podem proporcionar e são oriundos de uma experiência estética, mas, sobretudo eles são a expressão de um dos processos da experiência museológica que aconteceu no *Museu do Lixo*.

Como os desenhos fazem parte de um dos processos da experiência museológica que o *Museu do Lixo* proporciona podemos entendê-los também como uma manifestação da própria experiência. Voltemos ao conceito de heterotopia, especificamente no quarto princípio onde as heterotopias estão ligadas a recortes do tempo e podem ser chamadas de heterocronias. Podemos considerar os desenhos como heterocronias, pois articulam a vivência dos alunos através da rápida passagem do tempo em que eles descrevem os caminhos entre os módulos da exposição. Mas também uma heterotopia porque os desenhos ao mesmo tempo abolem o tempo e o representam, ou seja, nos permitem entrar em contato com o tempo em que a vivência aconteceu, como um reflexo, um saber imediato. A representação do tempo nos desenhos é integral, nelas não encontramos o passado, o presente ou o futuro, mas a representação total do tempo.

Podemos compreender os desenhos como a expressão da experiência que aconteceu com as crianças em meio às obras artísticas e ao circuito ambiental através das

⁵⁴ Imagem de arquivo pessoal.

representações de sensações físicas e mentais. Encontramos as representações físicas nas formas de sentidos. As crianças sentem as minhocas com as próprias mãos, pedalam na Recicleta com os próprios pés, visualizam a casa do lixo bonito e a casa do lixo feio com os próprios olhos. Elas também visualizam as nuvens e as mãos da Mãe Natureza que se encontram na Horta pedagógica. Notamos também que os aspectos mentais aparecem mediante as cores que apresentam o que os alunos viveram, como eles passaram a ver e se colocar no mundo depois dessa vivência.

Nesta breve análise sobre as experiências que esses grupos vivenciaram no *Museu do Lixo* podemos compreender que a experiência museológica acontece em variados momentos e que assim como o espelho reflete a experiência através dos desenhos. Nesse sentido, ao expressar o que viveram através dos desenhos, os sujeitos dirigem o olhar para si mesmos, deslocam-se do lugar que estão e começam a viajar em todos os caminhos percorridos na visita, reconstituindo a experiência em suas mentes. É nesse estágio do processo de reflexão que esses desenhos podem se encontrar. Eles são o reflexo da reflexão que os sujeitos se encontravam naquele momento. Entretanto, entre esse perder-se e reencontrar-se, o desenho permanece assim como o espelho e o Museu enquanto a reflexão continua.

CONCLUSÃO

A experiência museológica que acompanhamos cuidadosamente mediante desenhos, relatos e fotos buscou dialogar o conceito de heterotopia no *Museu do Lixo*. O conceito de heterotopia por nos investigado no capítulo inicial tinha como ponto central um *lugar real que possui múltiplas camadas de significação e reflexão e que pode ter relação com outros lugares*, esse lugar compreende a própria experiência proporcionada pelo *Museu do Lixo* e que acontece em nossas mentes.

A heterotopia pode ser compreendida como a experiência estética e museológica que o *Museu do Lixo* proporciona porque assim como o barco ela acontece através do contato com um espaço (Museu), mas navega no infinito mar que são as nossas mentes. Tal experiência nos conduz tanto para dentro de nós quanto simultaneamente nos leva a mergulhar para fora de nós. Assim é deveras necessário que sejamos repetitivos ao considerar a heterotopia como um *lugar de múltiplas significações e reflexões que é e que funciona no Museu a própria experiência do humano com o real*.

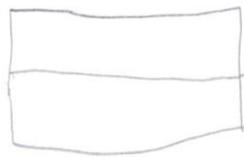
O *Museu do Lixo* faz uma crítica ao próprio Foucault em relação a sua compreensão do museu moderno apenas como um espaço de “acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria.” (FOUCAULT, 1984, P.419). A nova fundamentação de museu proposta no contexto da Nova Museologia é a própria objetivação dessa crítica, pois, a partir da nova compreensão de museu não estamos mais diante de um espaço acumulatório, mas sim de um espaço transformador e formador. É nesse diálogo entre Foucault e a Nova Museologia que o *Museu do Lixo* se apresenta como um espaço contemporâneo inovador por proporcionar não uma simples relação *obra de arte – espectador*, mas uma complexa relação *realidade – humano*.

Assim, o *Museu do Lixo* celebra todas as relações do humano com o real. Voltamos novamente atenção para o circuito ambiental do *Museu do Lixo* lá damos nos conta de que “Morte e vida fundamentam a existência humana e fazem do Museu instância de celebração do humano em todas as suas relações com o real.” (BRULON, 2008, p.02). As composteiras gigantes demonstram o movimento da realidade no momento em que vemos a fumacinha saindo delas, resultado do processo de decomposição dos resíduos orgânicos. O ser humano ao presenciar uma decomposição e fermentação decadente opera, dentro dele, uma decomposição e fermentação ascendente. Como o bom vinho

que está em constante movimento de fermentação. Os museus são vivos, como nós, e fermentam-se da mesma forma como aqueles que o habitam. Ao bebermos o vinho, ao entrarmos no museu e termos a experiência com nós mesmos, nos transformamos. “Estão doravante alojados no interior da representação, no interstício da ideia, nesse tênue espaço onde ele joga consigo mesma, decompondo-se e recompondo-se.” (FOUCAULT, 2007, p. 93). Estamos em constante fermentação. Necessitamos da embriaguez, da travessia, do reflexo, da perda de nós mesmo para que nos reencontremos.

ANEXOS

Desenhos da Fundação Catarinense de Educação Especial:



BANCO



TOCA DISCO

⁵⁵ Imagem de arquivo pessoal.

TELAA telefone



56

⁵⁶ Imagem de arquivo pessoal. Um lado do desenho.



⁵⁷ Imagem de arquivo pessoal. Verso do desenho anterior.

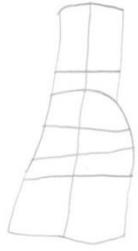
R P E U /



58

⁵⁸ Imagem de arquivo pessoal.

GUILHERME ELIAS DE OLIVEIRA



C113P

59

⁵⁹ Imagem de arquivo pessoal.



60

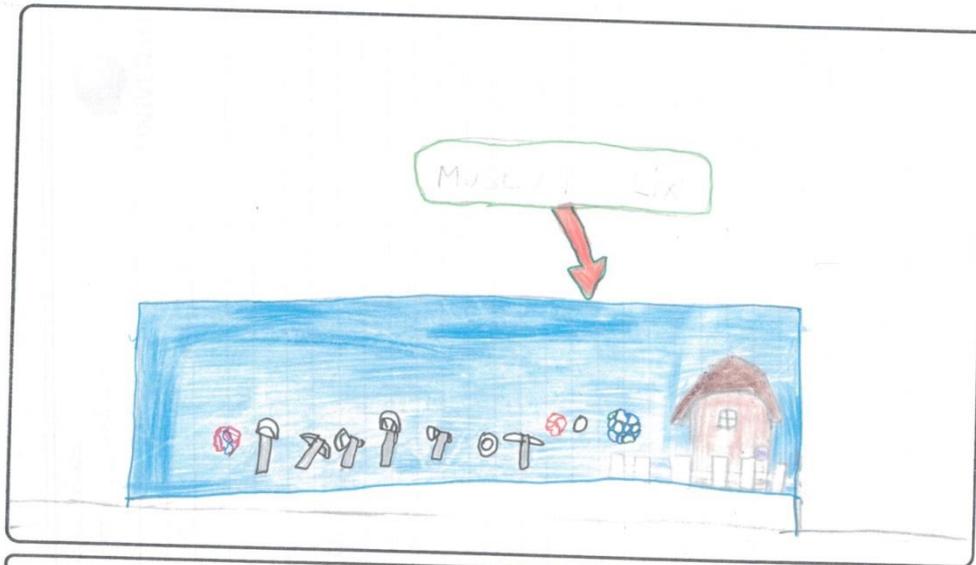
⁶⁰ Imagem de arquivo pessoal. Um lado do desenho.



61

Desenhos e textos do Centro Educacional Universo:

⁶¹ Imagem de arquivo pessoal. Verso do desenho anterior.



EDUCANDO: ARTHUR EXPRESSÃO PLÁSTICA
TEMA: VIVÊNCIA NA CONCAP
PROFESSOR: _____ DISCIPLINA: _____
DATA: 11 / 05 / 2016. TURMA: _____

62

⁶² Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4º BIMESTRE: _____ ANO: 2.01 _____

DISCIPLINA: E.A. PROFESSOR: GISELE

DATA: 13/06/

NOME: ARTHUR NOTA: _____



VIVENCIA NA CONCAP

QUANDO CHEGAMOS LA, LANCHAMOS E UM FUNCIONARIO NOS EXPLICOU SOBRE A RECICLAGEM, OLHAMOS O MINHOCARIO E PEGAMOS AS MINHOS NA MAO, CONHECEMOS O RECICLAITON, ELE NOS MOSTROU A RECOLHEITA, VIMOS A HORTA PEDAGOGICA, VIMOS A CASA DO LIXO FEIO (REJEITO), TAMBEM VIMOS A CASA DO LIXO BONITO (RESIDUOS RECICLAVEIS). DEPOIS VIMOS O MUSEU DO LIXO, QUANDO ENTRAMOS LA UM FUNCIONARIO CONVERSOU COM AGENTE



64

⁶⁴ Imagem de arquivo pessoal.

AUGUSTO

4º ANO

20/09/16

VIVÊNCIA NA COMGP

NO PASSADO NOS APRENDAMOS O RECOLHIMENTO
DO LIXO, VIMOS O MINHOCÁRIO, CONHECEMOS
O RECICLADON E A SUA INVENÇÃO, REFLECTA.
VISITAMOS A ~~UNIVERSIDADE~~ PEDAGÓGICA, A CASA DO LIXO
BEIJA E A CASA DO LIXO BONITO. E NO FINAL
DO PASSADO NA COMGP FOMOS AO MUSEU DO LIXO
QUE TEM RÓBÔS, RÁDIO, TV, E UM PIANO, E O FINAL
DO MUSEU VEMOS UMA APRESENTAÇÃO.

65

⁶⁵ Imagem de arquivo pessoal.



EDUCANDO: Bernarda EXPRESSÃO PLÁSTICA
TEMA: Ciência no Cotidiano
PROFESSOR: Carla DISCIPLINA: EA
DATA: 13/08/2016 TURMA: 4º ano

UNIVERSO

⁶⁶ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^º BIMESTRE: 2^º ANO: 2.016

DISCIPLINA: ~~Educação~~ PROFESSOR: Gisela

DATA: 13/06/16

NOME: Bernardo NOTA: _____



Viência na Comrap.

Quando chegamos na Comrap fomos com
depois conversamos sobre a separação dos re-
síduos, vimos um minitorçao depois vimos
uma invenção chamada regador, quem criou
foi o Reichiten, depois fomos a lista pedagó-
gica, dozeamos as plantas e vegetais tipo o
berinjela, fomos até a casa do lios pois que
são os resíduos que são rejeito e a casa
do lios bonito onde tem resíduos reciclá-
veis. E por ultimo fomos ao museu de lios
e homem que estava lá fez uma apresentação
de escreve uma memoria para falar algumas
palavras que eu não me lembro.

67

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^º BIMESTRE: 2^º ANO: 2.016

DISCIPLINA: E.C. PROFESSOR: Gisela

DATA: _____

NOME: Brisa _____ NOTA: _____



Visuência na concap

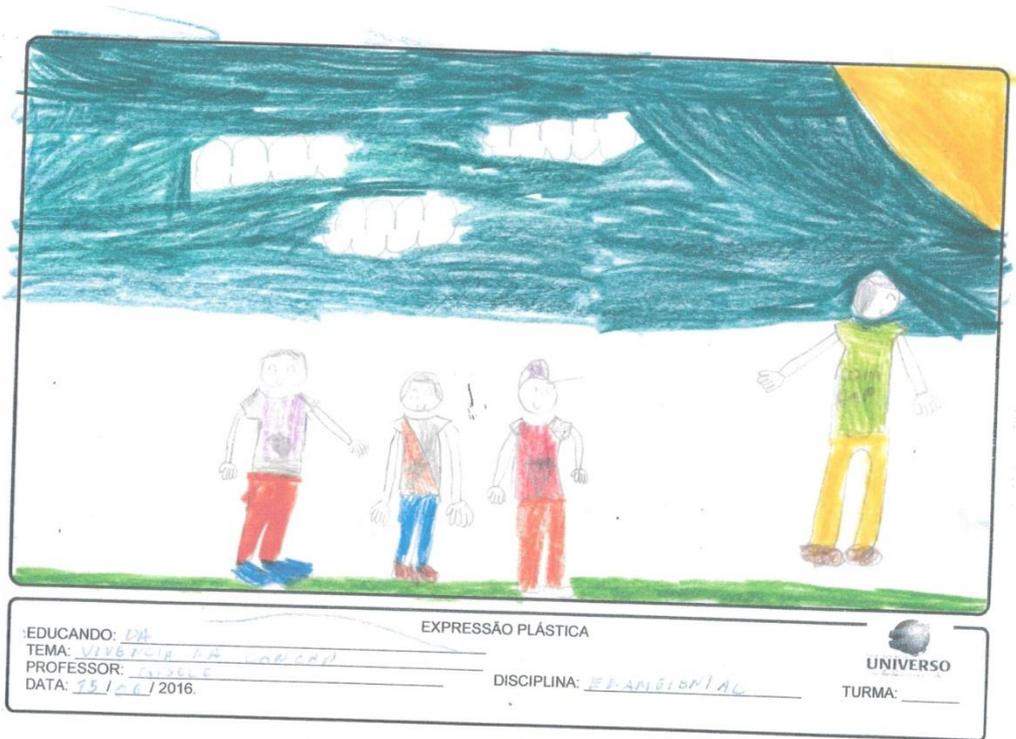
Quando chegamos na concap a 1^º coisa que fizemos foi lavar, depois a moça nos mostrou onde colocar o nosso lixo, depois disso conhecemos a recicladora que nos mostrou a recicladora que enquanto você faz reciclagem vocêrega as plantas, ela é muito legal!

Tomamos a porta pedagógica e observamos as plantas e os vegetais, depois vimos a casa do lixo feio que seria o resíduo e a casa do lixo bonito que seria os resíduos recicláveis e depois de tudo isso fomos fazer um tour no museu do lixo que para mim foi a parte mais legal e divertida.

Reciclar!

Legal!!!

68



69

⁶⁹ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 7^o BIMESTRE: 2^o ANO: 2.016

DISCIPLINA: ED. AMBIENTAL PROFESSOR: GISELE

DATA: 15/06/16

NOME: DAVI NOTA: _____



VIVENCIA NA COM CAP

CHEGAMOS E CONHECEMOS O RICARDO AGENTE LANCHOS E ELE NOS EXPLICOU SOBRE OS RESIDUOS. FIZEMOS O DESCARTE DE CADA TIPO DE LIXO EM SEU LUGAR SEME PEGAMOS AS MUNDUCAS E OBSERVAMOS UM PAISAGEM QUE TINHA DO CIELO DO LIXO. QUANDO ESTAVAMOS SAINDO E CONHECEMOS O REICCAINTON E A SUA INVENÇÃO REGACIETA E TINHA UMA MENINA QUE SE CHAMAVA MANUELA. E NOS AJUDAMOS ELA EM SEU TCC DE MUSEOLOGIA CONHECEMOS A HORTA E A CASA DO LIXO FEIO E A DO LIXO BONITO E DEPOIS FOMOS NO MUSEU DO LIXO.

70

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^o Ano BIMESTRE: 2 ANO: 2.016

DISCIPLINA: L.A PROFESSOR: J

DATA: 13/06/16

NOME: Érika NOTA: _____



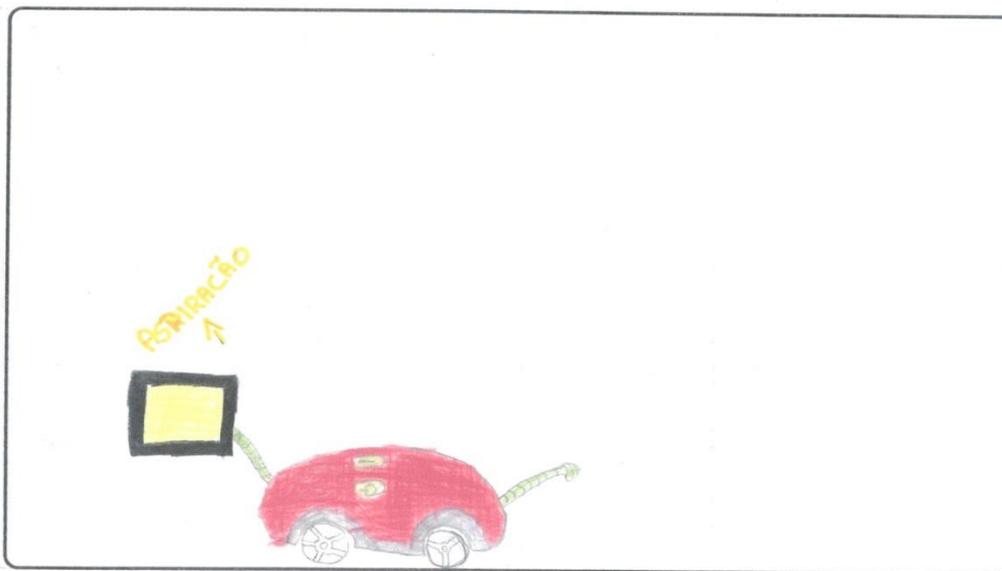
Vivência na comcap

Na comcap conhecemos a casa da Lica pais e a casa da Lica venita, e fomos a minhocaria onde as minhocas vivem.

Conhecemos sobre a reparação do lixo que se não reparar direito pode causar problemas à natureza, também fomos na horta que criam.

Agente conheceu a Reciclaten, que nos apresentou a reciclleta onde pode pedalar, e lá na comcap tinha uma pilha de garrafas de vidro e rolêmas que a maioria do lixo que é descartado lá é reciclável e a maioria das pessoas fazem no comum que vai lá pro aterro sanitário sendo que poderia ser reciclável depois disso fomos para o museu do lixo que estavam as coisas recicladas e deu pra fazer objetos tipo brinquedos.

71



EDUCANDO: GABRIELA SILVA PEREIRA
TEMA: VIGILANCIA NA COMCAR
PROFESSOR: ESBELE
DATA: 13/06/2016

EXPRESSÃO PLÁSTICA

DISCIPLINA: ED.A


UNIVERSO
TURMA: 4º ANO

72

⁷² Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^o BIMESTRE: 2^o ANO: 2.016

DISCIPLINA: ED. AMBIENTAL PROFESSOR: GISELE

DATA: 13/06/2016

NOME: ISABELLI

NOTA: _____



VIVÊNCIA DA COMCAP

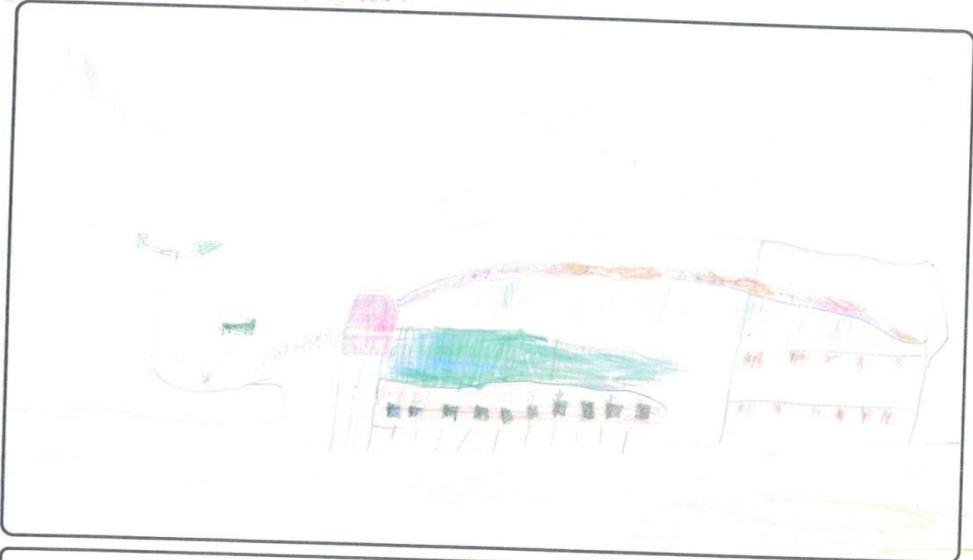
PRIMEIRO NOS ENTAMOS NO ÔNIBUS E ELE COMEÇOU A ANDAR AI NOS CHEGAMOS NA COMCAP E LANÇAMOS DIRETO DE TÓS VIMOS FECLAS REUTILIZADAS TAMBÉM CONHECEMOS A RECA CLETA DEPOIS TAMOS PARA A ORTA E VIMOS E TOCAMOS NA BIRINGELA E APIMENTA DEPOIS FOMOS VER OS CAMINHOS DE LIXO MISTURADO DEPOIS TAMOS VER A CASA DO LIXO FEIO E A CASA DO LIXO BONITO VIMOS VER AS COSAS ANTIGAS MUITAS COISAS MILHARES E O MOÇO FEZ UM TIATRO PRA GENTE ELE TAMBÉM MOSTRO UM CACHORRO FEITO POR ASPIRADOR DE PÓ DEPOIS DE TUDO ISSO CHEGOU A HORA DA GENTE IR PARA BA COLA DEPOIS DE CHEGARMOS NA ESCOLA A GENTE FOI PARA CASA

O QUE EU APRENDI NA COMCAP

LIXO MISTURADO É LIXO FEIO
LIXO SEPARADO É LIXO BONITO
REJEITO NÃO TEM JEITO

ESSAS FRASES SÃO BEM BOAS E LEGAIS
TAMBÉM A BRENDEI QUE EU NÃO POSSO JOGAR LIXO NA NATUREZA TAMBÉM QUE PRESSIONO COMEÇAR A RECICLAR TUDO
O QUE EU COMO OS OBJETOS

regulada



EDUCANDO: Katlyn EXPRESSÃO PLÁSTICA
TEMA: ambiência na construção
PROFESSOR: gabriel DISCIPLINA: EA
DATA: 1/02/2016 TURMA: 4ma

UNIVERSO

75

⁷⁵ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^º ano BIMESTRE: 2^º ANO: 2.016

DISCIPLINA: Educação ambiental PROFESSOR: Girele

DATA: 10/06/2016

NOME: Katlyn

NOTA: _____



CENTRO EDUCACIONAL
UNIVERSO
uma escola diferente, um saber também.

Atividade na Escola
Nós fomos de ônibus e quando chegamos
na escola, as crianças e depois de lunch
o Ricardo nos explicou sobre a lixa para
deixar a gente. Alguns pediram de fazer para
a minhoca e alguns pediram para fazer
minhocas. O Ricardinho é o Ricardo da
invenção mais legal que é a regadeira é
uma bicicleta com um balde que pega
a água e quando aperta o quando aperta
o pedal ele molha as plantas.

A horta pedagógica é um lugar de
plantar e alimentar lá tinha umas estacas
de madeira. E passamos também na sala de
lixo bonito.

O museu é um lugar com lixos bonitos
nesses museu tem (olhos) brinquedos, bicicletas, etc.

Eu gostei da
atividade porque?

Eu gostei da museu
de lixo bonito.



EDUCANDO: <u>Boris</u>	EXPRESSÃO PLÁSTICA	
TEMA: <u>Resíduos na reciclagem</u>		UNIVERSO
PROFESSOR: <u>Guilherme</u>	DISCIPLINA: <u>Ed. ambiental</u>	TURMA: _____
DATA: <u>15/06/2016</u>		

77

⁷⁷ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4º ano BIMESTRE: 2º ANO: 2.016

DISCIPLINA: Ed. Ambiental PROFESSOR: Giule

DATA: 13/06/16

NOME: Bara

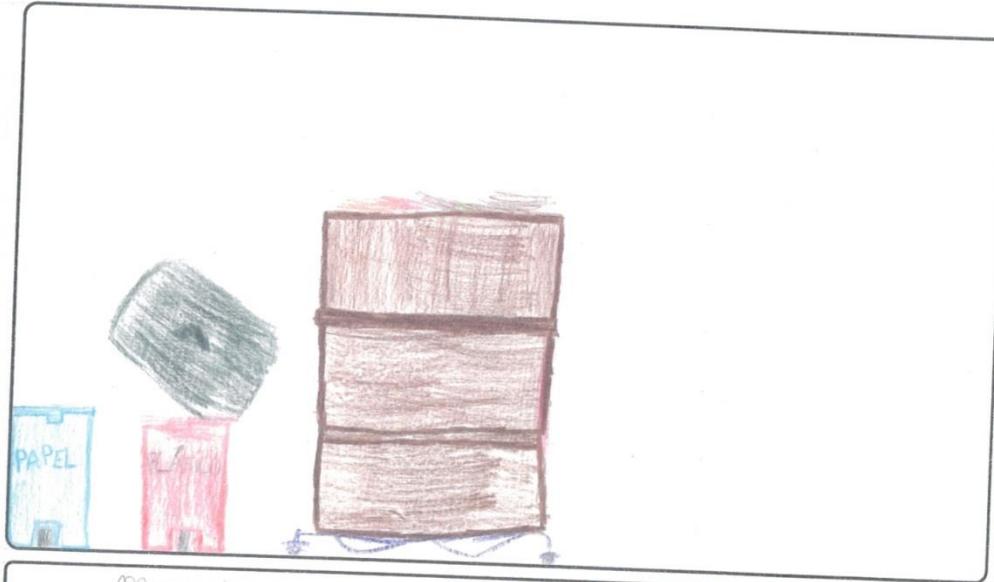
NOTA: _____



Vivência da reciclagem

No começo a primeira coisa que fizemos foi lavar depois do lanche e colocar nos mosquetos onde colocar os lixos caixetas e nos coletores que se mandaram para reciclagem, ela pode vender de volta impressora e de impressora por exemplo, compramos as caixinhas de leite e de suco e fabricamos telhas, e também falou que nós podemos pegar os materiais e fazer brinquedos sem cola porque se formos colocar no lixo da coleta seletiva, precisamos que está com cola não vai aceitar o brinquedo. Depois de nos explicar ele deu para a gente caros resíduos orgânicos no minhocário, onde tinha várias minhocas, alguns dos meus colegas queriam pegar elas na mão, eles disseram que as minhocas fizeram xixi e cocô na mão deles, foi meio nojento porque parecia mesmo. Depois disso conhecemos a Reciclitem, que nos apresentou a Regalita (uma máquina que pega a água da chuva e molha as plantas). O Loni e a Erika foram os escolhidos para andar nessa. Depois fizemos fones na parte pedagógica e sobre gamas e seringa e a pimenta rosa, o professor disse que assim da gente que eles plantam (Orgânicos) não se acha muita para vender sem agrotóxicos. Depois disso fomos na casa do Lica feio (feijão) onde vimos que quando as pessoas não separam o lixo feio de lixo

78



EDUCANDO: Mariana EXPRESSÃO PLÁSTICA
TEMA: cd - universo
PROFESSOR: 2012-3 DISCIPLINA: _____
DATA: 15/04/2016 TURMA: _____

UNIVERSO

79

⁷⁹ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^o BIMESTRE: 2^o ANO: 2.016

DISCIPLINA: Ed. Ambiental PROFESSOR: Gisela

DATA: 15/06/16

NOME: Manuella NOTA: _____



Visão na comen:

Quando chegamos a COMCAP nós sentamos e trabalhamos, depois da lanche e ficamos nos explicamos algumas coisas, que quando eu li as para a COMCAP eles mostram o resultado de reação como o isopor que não é reciclável e o EVA também, entre outros, que não são reciclados no aterro sanitário. Em seguida nós vimos as minhocas e os peçonhos na mão, logo depois fomos ver a instalação do Reciclator, a reestruturação de lá e fomos conhecer o Horto Pedagógico, onde se explicou que os alimentos são para nós e fomos ver o desenvolvimento de um campinho para o outro. Fomos ao museu das coisas recicláveis e lá vimos primeiro no começo o museu todo e depois ele fez um tour, logo me chamaram para ser a responsável da reciclagem.

80



EDUCANDO: PRISCILA FELICIANO EXPRESSÃO PLÁSTICA
TEMA: VIVÊNCIA NA ESCOLA
PROFESSOR: ANDRÉ DISCIPLINA: EDUCACIONAL
DATA: 16 / 06 / 2016. TURMA: 1º ANO



81

⁸¹ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^º BIMESTRE: 2^º ANO: 2.016

DISCIPLINA: ED. AMBIENTAL PROFESSOR: GISELE

DATA: 15/06/16

NOME: MARIA FERNANDA

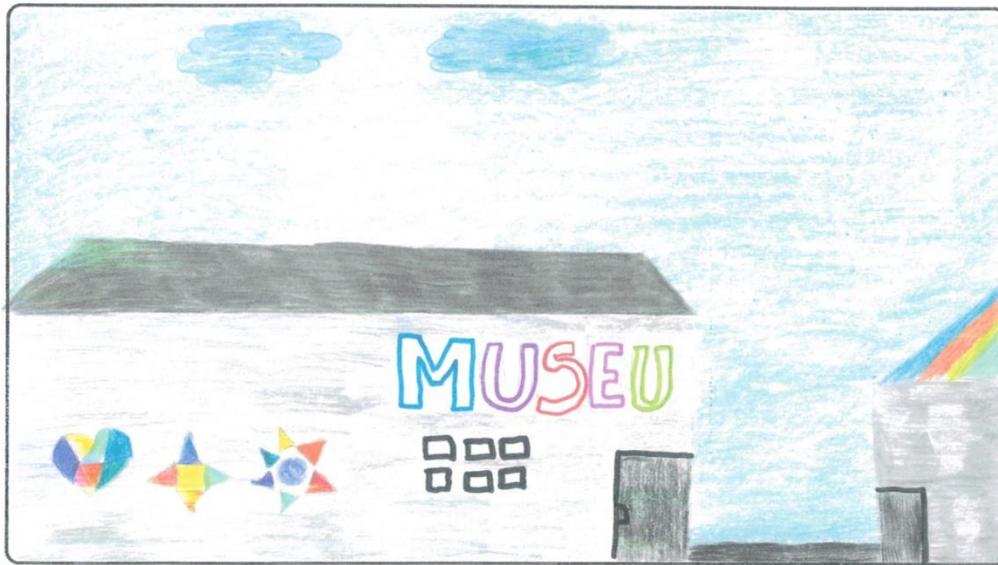
NOTA: _____



VIVÊNCIA NA COMCAP

CHEGANDO NA COMCAP A GENTE LANÇOU DEPOIS VIMOS A CASA DAS MINHOCAS E O
RICARDO MOSTROU O RAINEL POR ONDE O LIXO PASSA ATÉ CHEGAR LÁ NA COMCAP
DEPOIS FOMOS NA HORTA E VIMOS A ARCOÍRA E BEBINGELA VIMOS UMA MONTANHA DE
GARRA DE VIDRO DEPOIS OS REZEITOS E OS LIXOS SEPARADOS DEPOIS FOMOS NO
MUSEU DO LIXO BOMITO LÁ TINHA MÁQUINAS FOTOGRAFICAS, QUADROS E UM PIANO E
OUTRAS COISAS DEPOIS DA DESPÍDIDA A MANUELA FOI SECOLIDA PRA SER A RAINHA DA
NATUREZA E DEPOIS FOMOS EMBORA

82



EDUCANDO: _____ EXPRESSÃO PLÁSTICA

TEMA: ARQUITETURA NA COTIDIANIDADE DISCIPLINA: E.A. UNIVERSO

PROFESSOR: _____ TURMA: _____

DATA: 10/08/2016

83

⁸³ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^om BIMESTRE: 2^o ANO: 2.016

DISCIPLINA: Educação Ambiental PROFESSOR: GISELE

DATA: 15/06/16

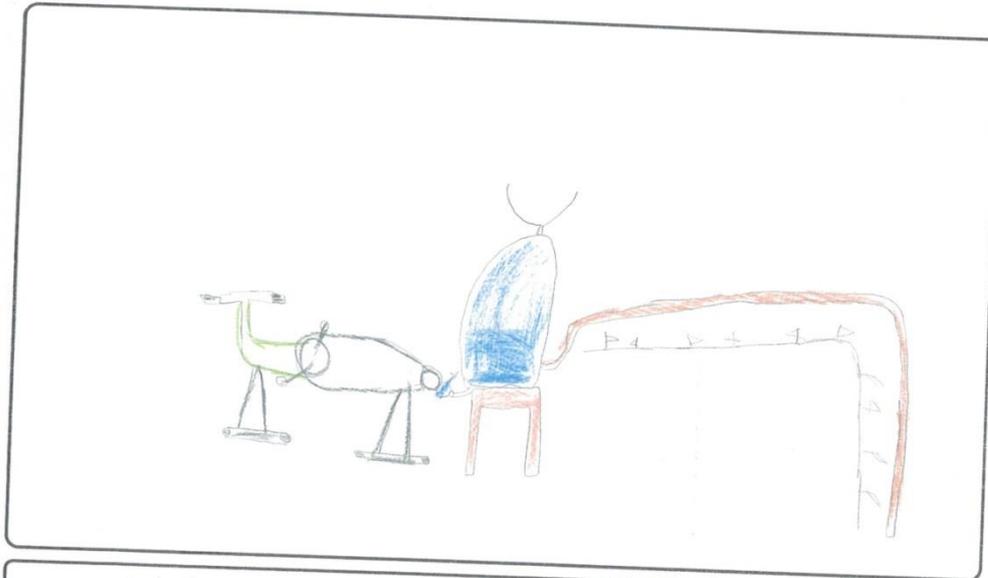
NOME: MARIA JÚLIA NOTA: _____



VIVÊNCIA NA COMCAR

QUANDO CHEGAMOS, LANÇAMOS E O RICARDO EXPLICOU SOBRE OS RESÍDUOS, QUANDO TERMINAMOS DE LANÇAR, A GENTE JOGOU AS NOSSAS EMBALAGENS NA LIXEIRA CORRESPONDENTE AO MATERIAL. O RICARDO MOSTROU A CATEGORIA TRILHOCAS, PEGAMOS ELAS NA MÃO E ELE DEU COMIDA PARA ELAS. NÓS OBSERVAMOS O PAINEL DO LIXO E ELE MOSTROU A TELHA QUE TRAE PARA COM COISAS RECICLÁVEIS E OBSERVEI QUE O TETO ERA FEITO DA MESMA. NÓS CONHECEMOS O RECICLATOM E SUA INVENÇÃO, A SUA REGIÃO, QUE REGULA PLANTINHAS QUANDO NÓS PEDALAMOS NELA. CONHECEMOS A MANDALIA, ELA VIVU TODOS OS LUGARES DA COMCAR COM A GENTE, DEPOIS SAÍMOS PARA CONHECER E APRENDER OS LUGARES DA COMCAR, PRIMEIRO FOMOS NA VOTA PEDAGÓGICA E O RICARDO MOSTROU A BERWIGELA QUE ELAS PLANTAM SEM AGROTÓXICO E PASSAMOS NA CASA DO LIXO PONTO, ANDAMOS E VIMOS UMA MONTANHA DE GARRAFA DE VIDRO RECICLÁVEL E DO LADO UM RESERVATÓRIO DE ÓLEO E DO OUTRO LADO VÁRIOS PNEUS. PASSAMOS NA CASA DO LIXO FEITO E VIMOS O CAMINHÃO DO LIXO DESPEJANDO O LIXO NO OUTRO CAMINHÃO E OUVIMOS O BARULHO DO LIXO CAINDO NO OUTRO CAMINHÃO E DEPOIS VOLTAMOS TAMBÉM NO MUSEU DA COMCAR LÁ EU VI MUITAS COISAS INTERESSANTES COMO COISAS RECICLÁVEIS E COISAS ANTIGAS COMO TIGELA, CELADURA E CELULAR. DEPOIS VOLTAMOS NA ESCOLA SABENDO COISAS NOVAS.

84



EDUCANDO: ALAN EXPRESSÃO PLÁSTICA
 TEMA: VIVÊNCIA NA ESCOLA
 PROFESSOR: GI DISCIPLINA: EA
 DATA: 15/6/2016 TURMA: 4

UNIVERSO

85



EDUCANDO: ARCOLAS LIMA EXPRESSÃO PLÁSTICA
 TEMA: VIVÊNCIA NA ESCOLA
 PROFESSOR: GI DISCIPLINA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL
 DATA: 1/1/2016 TURMA:

UNIVERSO

86

⁸⁵ Imagem de arquivo pessoal.

⁸⁶ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4º BIMESTRE: 2º ANO: 2.016

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO PROFESSOR: Gi
AMBIENTAL

DATA: 15/06/16

NOME: NICOLAS LIMA

NOTA: _____



VIVÊNCIA NA COMCAP

NOS LANÇAMOS NA COMCAP E DEPOIS O RICARDO
NOS MOSTROU AS MINHOCAS PEGAMOS ELAS E DEMOS
COMIDA DE POIS FOMOS PARA A ORTA VIMOS A
BERINGELA DEPOIS PARA O LUGAR ONDE FICA OS
MINHOS E POR ULTIMO FOMOS PARA O MUSEU
VIMOS VARIAS COISAS COMO: CADLHAS ARMAS OLIVADO
OUTRA COISAS O RICARDO FEZ UMA APRESENTAÇÃO
DEPOIS DISSO FOMOS EM BORA FIM.

87

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 9^o BIMESTRE: 2^o ANO: 2.016

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROFESSOR: LUIZ

DATA: 15/01/16

NOME: MILORAS

NOTA: 10



VIVÊNCIA NA CONCAP

A GENTE VIL O MAPA DA ROTATORIA AO LIXO VIMOS A CASA DAS MINHOCA PEÇAS E LIXO NA MÃO CONHECEMOS O RECICLITON E A INGENHARIA A ROTATORIA FORMOS NO LIVRO LIXO E NO LIVRO FEIO. O RICARDO FAZU UMA FOLHA LIXO FEIO NÃO TEM JEITO AGENTE VIL VIMOS BLEU E FICOU FORMOS NA ORDEM DA CONCAP. CONHECEMOS A MANUNELA E NAZ ACOMPANHO PARA FAZER O TCC BELA FORMOS NA MISCU VIMOS COMEIS ANTIGOS E RECICLANÇA. RICARDO FEZ UMA FOLHA COM RODAS RECICLANÇA.

FIZEMOS O DESCARTE DO LIXO SEPTA NA LIXEIRA SEPTA NA CASA DO LIXO BONITO (RECICLANÇA) LIXO FEIO (RESÍDUO)

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^{AN} BIMESTRE: 2^º ANO: 2.016

DISCIPLINA: ED AMBIENTAL PROFESSOR: GISELE

DATA: 15/06/16

NOME: OTAVIO

NOTA: _____



VIVÊNCIA NA LOMCAP

NOSSA AULA VIVA NA LOMCAP
FOI MUITO LEGAL VIMOS COMO É FEITA
A SEPARAÇÃO DO LIXO, GOSTEI MUITO DE
VER AS MINHOCAS ELAS BAZIAM OS
LIXOS VIMOS ALGUMAS PLANTAS
E PLANTAS FEITAS LANCHAS NIMIS MUITO
OBJETOS FEITOS DE MATERIAIS QUE SÃO
LIXO PRO LIXO COMO A RECICLETA, VIMOS
UMA PAINHA GIGANTE DA DE AMERICA
FOMOS EM UM MUSEU DE RECICLAGEM
E TINHA MUITAS COISAS FEITAS COM
RECICLADOS, BARRAS DE PLASTICOS E
OUTROS MATERIAS, O RECICLETOM FEZ UM
PALESTRA PRO NOSSA TURMA, AGORA
SEI COMO É IMPORTANTE RECICLAR



EDUCANDO: Al. Sarah EXPRESSÃO PLÁSTICA
TEMA: VIVÊNCIA NA COMCAP
PROFESSOR: Giardi UNIVERSO
DATA: 06/06/2016 DISCIPLINA: Ed. Coletiva TURMA: _____

90

⁹⁰ Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 4^ª BIMESTRE: 2^º ANO: 2.016

DISCIPLINA: ed Ambiental PROFESSOR: Gíndi

DATA: 13/06/16

NOME: Sarah NOTA: _____

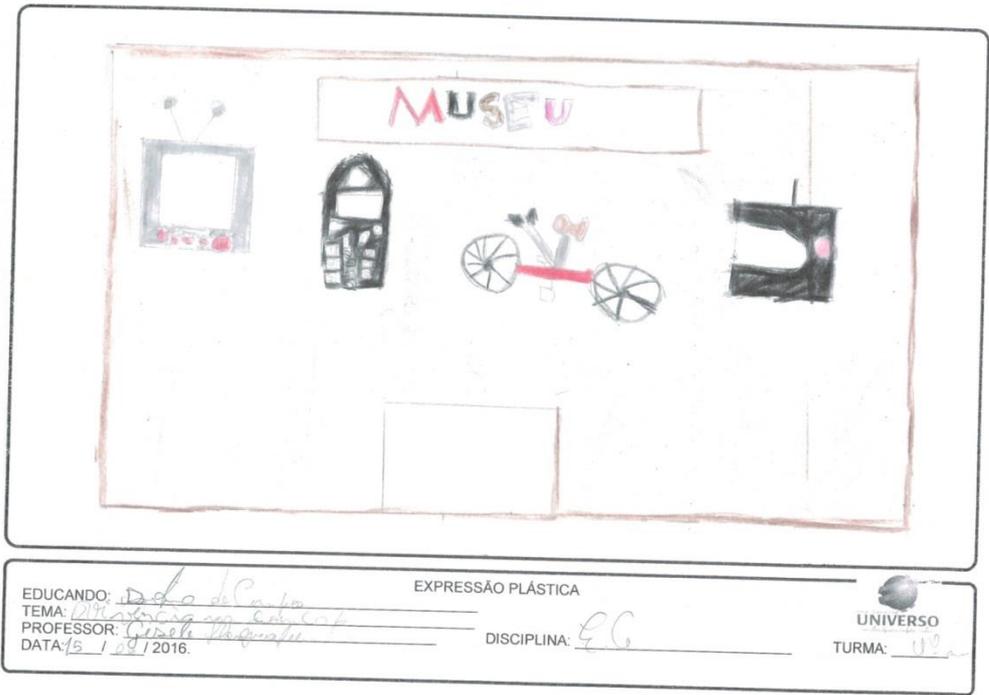


VIVÊNCIA NA COMCAP

Chegando lá nós lambamos, então o professor Rodrigo explicou para a gente sobre a separação correta de lixo e também falou que o petroleo tem dois dimensões. Então mostrou um minhoca, e até seguimos as minhocas. Depois vimos a regadeira, daí vimos uma horta pedagógica que tinha brinçola e pimenta rosa, também observamos as plantas e vegetais. Então vimos a casa do lixo sujo (resíduo) e a casa do lixo limpo (reciclável) então fomos ao museu do lixo vimos por exemplo: tv, computador, máquina de escrever, celular, pisapoeira, aspirador, etc. Daí o professor Rodrigo se meteu de rei, falou algumas coisas e mandou a gente repetir. Depois ele escolheu uma pessoa para ser a princesa (a) que foi a Mariana. Então, tinha uma mulher que estava fazendo um trabalho da faculdade por causa disso ela ficou na obra na vivência e depois ela falou de que achou da gente, e o Nicolas Pimentel e o prof também falaram e que acharam da vivência então fomos embora.

FIM

91



EDUCANDO: Dado de Castro EXPRESSÃO PLÁSTICA
TEMA: Modernização em Arte
PROFESSOR: Giuseppe Magalhães DISCIPLINA: EC
DATA: 5 / 02 / 2016 TURMA: 110



⁹² Imagem de arquivo pessoal.

CENTRO EDUCACIONAL UNIVERSO

TURMA: 9^o BIMESTRE: 2^o ANO: 2.016

DISCIPLINA: EA PROFESSOR: Gireli Rogério

DATA: 15/06/16

NOME: Debra de Campos NOTA: _____



VIVÊNCIA NA COMCAP

No dia 10 de junho participei de uma aula vivência na COMCAP com os grupos de 4^o ano A e B e a mãe. O funcionário Ricardo nos apresentou alguns itens que são as vivências.

Durante a mesa vivência o funcionário Ricardo nos ensinou a desmontar o lixo corretamente e em seguida o Ricardo nos mostrou uma bicicleta que foi reaproveitada para regar as plantas e de desmontar o lixo de Ricardo. Alguns amigos puderam se aproximar com o funcionário Ricardo. Também um funcionário da COMCAP desfilando o lixo reciclado para após os funcionários fazerem a coleta.

Além disso na COMCAP o funcionário Ricardo nos levou para conhecermos o museu de lixo, lá tinha muitos objetos interessantes como máquina de escrever, brinquedos produzidos com materiais reciclados, vidros e televisores entre outros.

Após todos os itens apresentados pelo funcionário Ricardo, retornamos para a escola.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.

BRULON SOARES, Bruno C. *Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2008.

CHAGAS, Mário. *Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus*. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. ICOFOM LAM, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 12-17, maio 2000.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005. 162 p.

CURY, Marília Xavier. *Museu, filho de Orfeu, e musealização*. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. ICOFOM LAM, Coro, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 50-55, 1999.

DE VARINE, Hugues. *Observations*. In: [ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY/ ICOFOM (8)]. Buenos Aires [Argentina]. October 1986. Coord. Viños Sofka. Symposium Museology and Identity / Colloque La museologia et L'Identite. Comments and views – Commentarires et poits de vue. Stockholm: International Comitte for Museology / ICOFOM: Museum of National Antiquities, Stockholm, Sweden. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, n. 11, 1986.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; tradução Salma Tannus Muchail. – 9. Ed. –São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos)

FOUCAULT, Michel. *Outros espaços* (conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos. (14 de março de 1967), *Architecture, mouvement, continuité*. n2. 05 de Outubro de 1984. ps.46-49.

GOETH, Johann Wolfgang. *Werther*. Tradução de Galeão Coutinho. Abril Cultural – São Paulo – Brasil. 1971.

Hammer, E.F. (1991). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. (E. Nick, trad.) São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1980).

RIVIÈRE, Georges Henri. *Definición evolutiva del ecomuseo. Museum. Imágenes del ecomuseu*, Paris, UNESCO, v. XXXVII, n. 148, p. 182-183, 1985.

THÉVOZ, Michel. Esthétique et/ou anesthésie muséologique. IN: *Objects Prétextes, Objets Manipulés*, Neuchâtel, 1984, p. 167.

VAN KOLCK, O.L. *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EU. 1984